REVISTA

OESTE

EDIÇÃO 224 — 05/07/2024

O REI ESTÁ NU

Alexandre de Moraes descobriu que pode mandar no Brasil usando a lei para violar a lei. Faz isso há cinco anos, na frente de todo mundo — e o ecossistema à sua volta, como na fábula do rei sem roupa, faz de conta que está tudo bem

Por J.R. GUZZO

Alexandre de Moraes, em Brasília (18/6/2024) | Foto: Reuters/Adriano Machado

EDIÇÃO 224

O rei está nu

Alexandre de Moraes descobriu que pode mandar no país usando a lei para violar a lei, e todo o ecossistema à sua volta faz de conta que está tudo bem

J. R. GUZZO · 05 JUL 2024

a⁻ A⁺

ouça este conteúdo readme

1.0x

Há quatro anos o presidente Joe Biden, canonizado aos 80 anos de idade como o novo santo padroeiro da esquerda universal, é o maior caso de Rei Nu que já se viu na vida política dos Estados Unidos. Estava pelado na frente de todo mundo — a cada vez que aparecia em público, ficava claro até para uma criança de 10 anos de idade que o seu equipamento neurológico não estava mais batendo direito. Mas toda a frente civilizatória mundial jurava que Biden estava vestido com o manto de ouro mais lindo que já se vira num presidente americano. Sabiam, muito bem, que havia na sua tela um sinal de alarme: "O programa não está mais respondendo". Só que era preciso fingir que estava tudo normal. Falar a verdade simples e expor fatos visíveis para todos seria ajudar a direita, Donald Trump e a Terceira Guerra Mundial. Apareceu, então, o menino do conto de Andersen — na forma do primeiro debate entre Biden e Trump. "O rei está nu", gritou o debate, e Biden apareceu como o homem que realmente é.

O segundo maior caso de Rei Nu do presente momento e, com certeza, o mais espetacular em todo o Mundo Subdesenvolvido é o do ministro Alexandre de Moraes. Há pelo menos quatro anos, como Biden, está na cara do mundo inteiro que nada daquilo que ele faz pode ser normal — mas todo o "Brasil civilizado", a começar pela mídia, se condenou a dizer que é normal, sim. Não apenas isso: Moraes é hoje o principal herói da esquerda nacional, o Che Guevara do Brasil que "voltou" e que está salvando, sozinho no ringue, a democracia popular neste país. É um disparate que revela muito mais sobre a esquerda do que sobre o ministro, mas a questão não está aí. No caso de esquizofrenia crescente do regime STF-Lula, Moraes é hoje o pior sintoma de rompimento do regime com a realidade. Ele descobriu que pode mandar no país usando a lei para violar a lei, e todo o ecossistema à sua volta faz de conta que está tudo bem. O ruim, aqui, é que uma porção de meninos já disse: "O rei está nu", e o ministro continua a desfilar.

No debate, realizado pela CNN, Trump desafiou Biden a realizar um teste cognitivo | Foto: Reprodução/CNN

Nos Estados Unidos, boa parte do sistema de apoio a Biden entrou em pânico aberto quando o debate mostrou a dezenas de milhões de americanos as provas da desordem cognitiva do seu presidente. A reação automática da esquerda, dos liberais-intelectuais e do *New York Times* foi a traição. Até aquele dia, garantiam que Biden era um dos maiores presidentes que os Estados Unidos já tiveram em toda sua história. Antes mesmo de terminar o debate exigiam que ele renunciasse à candidatura, subitamente apavorados com a perspectiva de perder a eleição para Trump — um momento especialmente miserável para o prontuário moral dos envolvidos. No Brasil não está clara qual seria a reação das falanges que hoje tratam Moraes como ente sagrado. Não haverá nenhum debate para mostrar ao vivo que tipo de juiz, de político e de ser humano existe ali. Os avisos de que o ministro não apenas está nu, mas deixou o STF inteiro sem roupa, não parecem fazer a menor impressão a ele — na verdade, só fazem Moraes se comportar cada vez mais como Moraes.

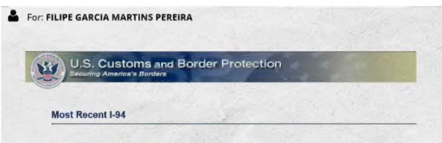
Mesmo as almas mais ingênuas sabem que o ministro vai ser grotescamente traído pelo seu atual cordão de puxa-sacos, incluindo toda a mídia, cinco minutos depois de perceberem que não precisam mais ter medo dele — ou que há meios mais proveitosos de lutar "pela democracia". A primeira questão no caso é saber se haverá mesmo a necessidade de fazer essa traição, como os liberais acharam que havia no caso de Biden, ou se Moraes passará por um processo de biodegradação natural e deixará de fazer diferença. A segunda questão é a data em que isso vai acontecer, se tiver mesmo de acontecer. Enquanto essas coisas não se definem, o ministro está chutando o balde como nunca — ou melhor, está chutando os baldes que pode chutar sem maior risco, como sempre faz. De um lado, encara o cachorro grande que ele sabe que não vai morder porque está longe, tipo Elon Musk. De outro, mete terror em encanadores, barbeiros ou motoboys a quem acusa de "golpe de Estado"; a mídia descreve isso como um novo desembarque na Normandia.

É Rei Nu direto na veia. Em seu último surto contra a internet, para se ter uma ideia, Moraes aumentou em sete vezes, para R$ 700 mil, a multa de R$ 100 mil que tinha socado em cima do X, pelo novo crime de "omissão de censura". A plataforma, a mando de Moraes, cortou uma postagem que divulgava o endereço e outros dados pessoais (e públicos) do ministro, coisa que ele não pode fazer. Mas não eliminou o perfil do cidadão que deu essas informações, como Moraes também queria. Ao agir assim, o X não quis ficar exposto a acusações de violar a Constituição, que proíbe a censura — pois cortar o perfil seria bloquear a publicação de coisas que ainda não tinham sido escritas, e isso aí é censura prévia em seus mais altos teores de pureza. Quem fala alguma coisa em público é responsável dos pontos de vista penal e civil pelo que disse; mas não passa pela cabeça de ninguém que fique proibido de falar pelo resto da vida. Pela cabeça de Moraes não apenas passa. É a lei no Brasil de hoje.

Alexandre de Moraes, ministro do STF e presidente do TSE, foi citado em e-mails por profissional do Twitter/X | Foto: Nelson Jr./SC/STF

O ministro está começando a aparecer demais na imprensa dos Estados Unidos — e quase nunca é bom sinal quando gato gordo da América Latina começa a aparecer demais na imprensa do Norte Global. Musk contou para os seus 180 milhões de seguidores no X a história da multa de R$ 700 mil. Exatamente ao mesmo tempo, o *Wall Street Journal* publicou uma reportagem da jornalista Mary O'Grady perguntando, no título, quem falsificou as acusações contra Filipe Martins, o ex-assessor de Jair Bolsonaro que Moraes mantém na cadeia desde fevereiro, no escândalo judicial mais escuro do momento. O ministro não conseguiu apresentar, após cinco meses de investigação, prova nenhuma contra Martins. Pior: Martins é acusado de algo que não é crime — viajar para Orlando com Bolsonaro no dia 30 de dezembro de 2022. Pior ainda: provou que não cometeu esse crime que não existe, pois estava no Brasil quando é acusado de estar nos Estados Unidos. Pior que tudo: a acusação se baseia num registro fraudulento do serviço americano de imigração.

Como é que se pode olhar para uma coisa dessas e achar que está tudo normal? Todos os recursos de Martins são negados; o STF sustenta que apenas Moraes pode julgar recursos contra as decisões que ele próprio toma, algo que só se imagina num Judiciário tipo Coreia do Norte. Está em vigor no Brasil, na verdade, uma Constituição particular dos ministros. No caso de Martins, foi criada a pena de prisão perpétua, que está banida desde a legislação ilegal da ditadura militar — se ele não pode ser solto por ninguém, e se nenhuma providência jurídica pode ser tomada em seu favor, a sua prisão é perpétua, para todos os efeitos práticos. É óbvio que um caso desses, apenas um, deveria ser suficiente para demonstrar que o Brasil atual não tem mais um sistema coerente de Justiça. É o que se diria num desses países ameaçados pela "extrema direita" que tanto preocupa o STF. Imaginem, só por um instante, o que estariam dizendo se Trump fosse presidente dos Estados Unidos e se um Filipe Martins estivesse numa cadeia americana.

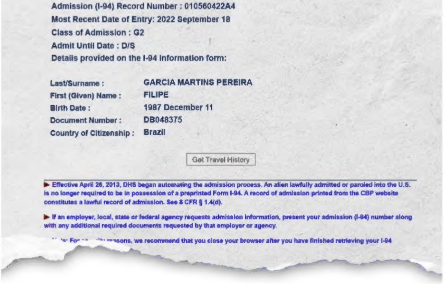


For: **FILIPE GARCIA MARTINS PEREIRA**

U.S. Customs and Border Protection

Securing America's Borders

Most Recent I-94



Admission (I-94) Record Number : 010560422A4
Most Recent Date of Entry: 2022 September 18
Class of Admission : G2
Admit Until Date : D/S
Details provided on the I-94 information form:

Last/Surname :	GARCIA MARTINS PEREIRA
First (Given) Name :	FILIPE
Birth Date :	1987 December 11
Document Number :	DB048375
Country of Citizenship :	Brazil

Get Travel History

► Effective April 26, 2013, DHS began automating the admission process. An alien lawfully admitted or paroled into the U.S. is no longer required to be in possession of a preprinted Form I-94. A record of admission printed from the CBP website constitutes a lawful record of admission. See 8 CFR § 1.4(d).

► If an employer, local, state or federal agency requests admission information, present your admission (I-94) number along with any additional required documents requested by that employer or agency.

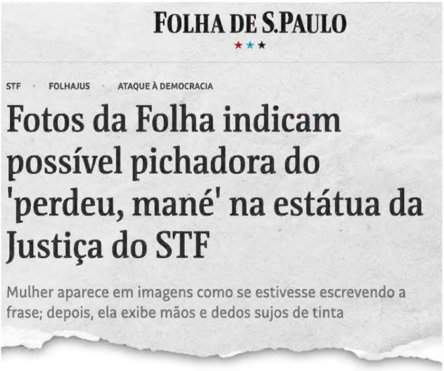
reasons, we recommend that you close your browser after you have finished retrieving your I-94

Documento do U.S. Customs and Border Protection (órgão do Department of Homeland Security) obtido pela Revista **Oeste** | Foto: Reprodução/Revista Oeste

No Brasil, porém, esse caso é um a mais na folha corrida de agressões à Constituição e ao Código Penal que se tornaram o pão de cada dia do STF. Moraes mantém na cadeia há 15 meses, no Rio Grande do Sul, um soldador que suspeita de cometer "golpe de Estado" — mas contra quem não se fez até agora uma única acusação. Se for acusado e condenado, terá direito a sair da cadeia depois de cumprir a pena que lhe derem; do jeito que está hoje, não vai ser solto nunca. Uma cabeleireira está presa no interior de São Paulo, por denúncia de uma repórter da *Folha de S.Paulo*, desde março de 2023, sem o menor vestígio de julgamento. Seu crime foi manchar de batom a estátua da Deusa da Justiça que há na frente no STF; é algo que pode acabar com a sua vida, num país em que jornalistas trabalham como informantes da polícia e a "corte suprema" condena a até 17 anos de cadeia quem o ministro Moraes acha que praticou "abolição violenta do Estado de Direito". Ela não tem esperança: não pode delatar ninguém.

Para o ministro sobreviver na posição em que está hoje, será preciso que o Brasil continue exatamente igual pelos próximos 19 anos, ou até 2043, quando ele se aposenta. Impossível não é, mas é difícil

Esse é, na verdade, mais um sinal da selvageria em vigor na colônia penal que o STF criou para reprimir os indesejáveis políticos do Brasil — a prisão de suspeitos até que façam uma delação contra algum peixe mais graúdo da "extrema direita", como costumam dizer. Martins está preso por isso. A "vara criminal" chefiada por Moraes tem esperança de que uma hora qualquer, para sair da cadeia, ele venha com alguma acusação contra os "líderes" do "golpe" que o STF, o governo Lula e a mídia tentam provar desde o dia 8 de janeiro de 2023 — e não conseguem, pela excelente razão de que jamais houve golpe nenhum. É o mesmo caso do ex-diretor da Polícia Rodoviária Federal, Silvinei Vasques, preso há quase um ano sob uma das acusações mais desvairadas que jamais se fez na história da Justiça deste país. Moraes e a sua PF acham que ele interferiu na circulação de ônibus que levavam "eleitores de Lula" para votar em 2023. Mas o próprio Moraes tinha atestado que não houve problema nenhum, quando quis demonstrar que as eleições se passaram em absoluta normalidade — e, além disso, como se pode provar que os passageiros dos tais ônibus iam votar em Lula?



FOLHA DE S.PAULO

STF · FOLHAJUS · ATAQUE À DEMOCRACIA

Fotos da Folha indicam possível pichadora do 'perdeu, mané' na estátua da Justiça do STF

Mulher aparece em imagens como se estivesse escrevendo a frase; depois, ela exibe mãos e dedos sujos de tinta

Notícia publicada na *Folha de S.Paulo* (24/1/2024) | Foto: Reprodução/Folha de S.Paulo

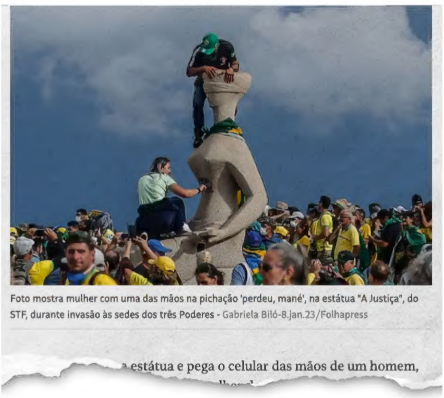


Foto mostra mulher com uma das mãos na pichação 'perdeu, mané', na estátua "A Justiça", do STF, durante invasão às sedes dos três Poderes - Gabriela Biló-8.jan.23/Folhapress

estátua e pega o celular das mãos de um homem,

Foto publicada na *Folha de S.Paulo* (24/1/2024) | Foto: Reprodução/Folha de S.Paulo

O rei está evidentemente nu nesse episódio, ainda mais quando se leva em conta que o ministro Gilmar Mendes proclamou no STF que prender alguém e ficar à espera de uma delação é um tipo especialmente brutal de tortura. Mas e daí? Os dois continuam presos, como o coronel Mauro Cid esteve preso até vir com uma história de "minutas do golpe" — uma salada de suposições idiotas da qual não tiraram até hoje, e nem vão tirar, uma única molécula de prova. É o "novo normal" do STF. O "Brasil que pensa" olha isso tudo e continua fazendo de conta que não há nada de errado; é natural que Moraes vá em frente. Diz que um tribunal em que as mulheres dos ministros advogam em escritórios que defendem causas a serem julgadas por seus maridos não precisa de um Código de Ética. Falou em "coelhinhos" e "cachorrinhos" — os últimos réus, pelo que deu para entender, na calamidade universal da internet. Garantiu que o Congresso não pode aprovar uma lei de anistia, pois isso é coisa de "Constituição", e só o STF tem o direito de decidir sobre o tema.

O ministro Moraes, quando se vai ao caroço deste angu, está formando um arquivo de atos que podem vir a ser denunciados como crime — não é o único nessa situação no STF, mas é ele, sobretudo, quem parece escalado para ficar com a bucha. Visto de hoje — e só de hoje, porque amanhã vai ser outro dia —, esse horizonte de *stormy weather* parece indicar dois caminhos. Para o ministro sobreviver na posição em que está hoje, será preciso que o Brasil continue exatamente igual pelos próximos 19 anos, ou até 2043, quando ele se aposenta. Impossível não é, mas é difícil. Moraes depende de Lula para levar a vida que leva; sem ele a sua estatura política não vale uma caixinha de chicletes vazia. Um dia Lula não vai estar mais aí — e não será a deputada Hoffmann, nem o Ministério da Igualdade Racial, quem vai segurar essa barra. A outra saída é o ministro Moraes tornar-se uma pessoa diferente — e ir acertando o seu futuro com os homens do futuro. Talvez seja ele, nesse cenário, quem vai precisar de uma anistia.

Esplanada dos Ministérios do Distrito Federal, Brasília | Foto: Erich Sacco/Shutterstock

EDIÇÃO 224

Carta ao Leitor — Edição 224

Os abusos cometidos por Alexandre de Moraes e o recorde de queimadas do governo Lula estão entre os destaques desta edição

REDAÇÃO OESTE - 05 JUL 2024

ouça este conteúdo
readme
1.0x

“Todas as reportagens de **Oeste** poderiam vir com o aviso de ‘exclusivo’”, costuma dizer Augusto Nunes no programa **Oeste Sem Filtro**. Ele tem razão. O que é publicado no site e na revista tem como base os princípios que estão listados no pacto da empresa, escrito por J.R. Guzzo e avalizado por todos que nela trabalham. Alguns deles: dizer a verdade sempre, ater-se aos fatos, ver as coisas como as coisas são e contar o caso como o caso foi.

Esta edição não poderia ser diferente. Assinado por **J.R. Guzzo**, o artigo de capa mostra que, assim como na fábula do rei sem roupa imaginada pelo dinamarquês Hans Christian Andersen, a plateia finge não ver que o ministro do STF Alexandre de Moraes está há anos usando a lei para violar a lei.

“O ministro não conseguiu apresentar, após cinco meses de investigação, prova nenhuma contra Filipe Martins”, observa Guzzo. “Pior: ele é acusado de algo que não é crime — viajar para Orlando com Bolsonaro no dia 30 de dezembro de 2022. Pior ainda: provou que não cometeu esse crime que não existe, pois estava no Brasil quando é acusado de estar nos Estados Unidos. Pior que tudo: a acusação se baseia num registro fraudulento do serviço americano de imigração.”

O texto de Guzzo é complementado por outros dois. No artigo de **Augusto Nunes**, são destacados alguns dos palavrórios mais absurdos produzidos pelo ministro, agravados por maus-tratos impostos à língua portuguesa. E **Ana Paula Henkel** relembra algumas decisões em que Moraes menciona a Constituição americana.

A reportagem de **Anderson Scardoelli** expõe as causas dos recordes alcançados por Lula, no primeiro semestre deste ano, relacionados com o número de incêndios e queimadas no Pantanal e no Cerrado. Nunca antes na história deste país os dois biomas queimaram tanto nesta época do ano. Nunca antes o silêncio de artistas, intelectuais e da esquerda em geral foi tão gritante. Agora, Lula e Marina Silva, em vez de responsabilizarem o governo, como fizeram durante os quatro anos de Bolsonaro no poder, encontraram outros culpados: o El Niño e, claro, o aquecimento global.

Com Lula mais uma vez no poder, a Petrobras voltou a investir em empreendimentos altamente duvidosos. Entre eles a Refinaria Abreu e Lima e a fábrica de fertilizantes nitrogenados de Araucária. Nesses dois espantos, a estatal amargou prejuízos por vários anos e enterrou bilhões de reais. Pedro Rodrigues, sócio do Centro Brasileiro de Infraestrutura, faz um resumo da ópera na reportagem de **Carlo Cauti**: “Em vez de se concentrar em setores rentáveis e onde é líder mundial, como a exploração em águas profundas, a estatal parece querer repetir os mesmos erros cometidos uma década atrás. Os resultados serão inexoravelmente os mesmos”.

Assim como os abusos cometidos por Alexandre de Moraes, o recorde de queimadas do governo Lula ou a politicagem que corre solta na Petrobras, outro assunto “exclusivo” desta edição é a medalha de ouro do atual governo na modalidade “liberação de emendas parlamentares”. Apelidadas de “orçamento secreto” pela velha mídia durante o governo Bolsonaro, transferências de recursos públicos do tipo ganharam um carinhoso eufemismo: “emendas Pix”. “Nesta semana, a gestão Lula da Silva vai entregar R$ 30 bilhões aos parlamentares, cifra sem precedentes para um semestre”, explica **Silvio Navarro**.

Desde a primeira edição de **Oeste**, publicada há pouco mais de quatro anos, não houve um único vestígio de mudanças editoriais em seu site, revista ou canal no YouTube. **Oeste** se opõe ao governo Lula, combate os desmandos do STF e rejeita verba publicitária estatal. Sempre cumprirá, da primeira linha ao ponto final, o conjunto de compromissos assumidos com os leitores.

Boa leitura.

Branca Nunes,

Diretora de Redação

Ministro Alexandre de Moraes | Foto: Montagem Revista Oeste/Shutterstock/Andressa Anholete/SCO/STF

EDIÇÃO 224

Um Lula de toga

No encerramento do Gilmarpalooza, Moraes revela o que mais dá dinheiro nas redes sociais: ódio e fofura

AUGUSTO NUNES - 05 JUL 2024

ouça este conteúdo

readme

1.0x

"Quando Lula fala, o mundo se ilumina", jura Marilena Chauí há quase 20 anos. Antes e depois dessa revelação, feita pela filósofa do PT ao sair de uma audiência com o presidente da República, ouvi incontáveis discurseiras do Sol de Chauí. Nenhuma delas transformou crepúsculo em aurora, nem noite em manhã. Mas são muito mais impressionantes os fenômenos que testemunho tão logo o palanque ambulante empunha um microfone. Plurais dão o fora em desabalada carreira, verbos no infinitivo se asilam na embaixada portuguesa, o raciocínio lógico implora por um copo de estricnina (sem gelo) e dicionários apavorados gritam por socorro antes que comece outra sessão de tortura, fora o resto.

Se a forma é indigente, o conteúdo dos palavrórios de Lula é tão raso que, na grande imagem de Nelson Rodrigues, uma formiguinha poderia atravessá-los com água pelas canelas. Também por isso, o comportamento das plateias me parece tão assombroso quanto os fenômenos que provoca na paisagem ao redor. Exemplarmente domesticado, o público recepciona e se despede do orador de picadeiro com aclamações consagradoras, gargalha quando a piada infame ainda está no começo, aprova com movimentos verticais de cabeça afirmações cretinas ou platitudes que deixariam ruborizado um candidato a vereador na campanha de estreia. É assim com Lula há 60 anos.

Tem sido assim com Alexandre de Moraes nesta terceira década do século 21. Até 2019, o caçula do Supremo Tribunal Federal pedia autorização em voz baixa até para elogiar as Excelências capazes de equilibrar a toga com um ombro só. Promovido por seus pares a comandante da Inquisição à Brasileira, faz cinco anos que mandou às favas a Constituição de 1988. De lá para cá, vem prendendo meio mundo e arrebentando todas as instituições que atrapalhem suas ofensivas. Arrebenta sem pedir licença, e prende sem perder tempo com consultas a normas legais quem ouse contestá-lo. Previsivelmente, foi assim no encerramento do Fórum Jurídico de Lisboa, codinome *Gilmarpalooza.*

XII Fórum de Lisboa, codinome Gilmarpalooza | Foto: Reprodução/Fórum de Lisboa

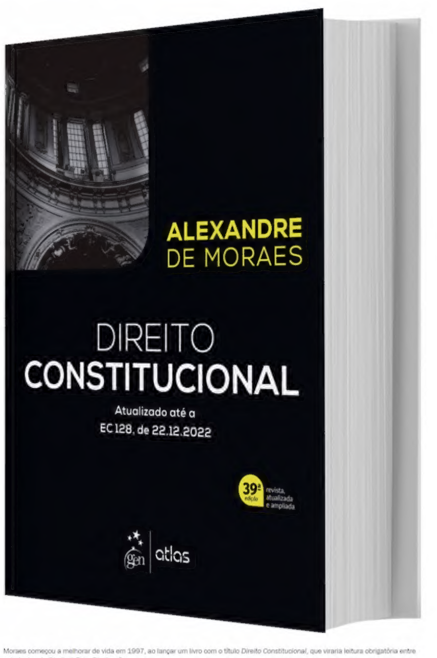
Escalado para discorrer sobre o tema "O mundo em eleições e o futuro da democracia representativa", Moraes não foi poupado de aplausos nem mesmo quando recitou a sopa de letras abaixo reproduzida sem correções nem retoques:

"Só tem duas coisas que dá dinheiro nas redes sociais. Ódio e o que é muito fofo. Ódio é... matar, nazismo, coisa pesada... e aquele cachorrinho que é irmão de um coelhinho. Todo mundo aqui já viu, finge que não, mas já viu. Eh ... Ah... Aquele leão, aquela leoa que cuidou da pata que nasceu. Cê olha, fala... oh... tal. Aí disseram: só isso dá dinheiro, só isso dá like. É o ódio. É o discurso machista. O discurso de rompimento. É... é o discurso nazista, e é a coisinha que dá dinheiro."

Devo ter perdido alguma parte da história. Doutor em ódio, Moraes já explicou que existe até um gabinete, ainda por localizar, que gerou sucessivas ondas de fúria antidemocrática durante o governo do único político que vive cercado por multidões que sonham com abraços, não com linchamentos. Mas qual cachorrinho é irmão de um coelhinho? Alguém aí poderia ensinar-me como enriquecer com leões, leoas e patas? É um novo tipo de jogo do bicho? Por que discurso nazista dá dinheiro? Discurso comunista acaba em prejuízo? Moraes garante que uma boa regulamentação das redes sociais botaria ordem no cabaré. Não seria melhor enquadrar a internet na reforma tributária, e fechar os buracos financeiros que ameaçam o arcabouço fiscal? Com tanta trabalheira pela frente, o superministro prefere deixar para depois bijuterias políticas como a anistia. "Vamos aguardar", recomendou entre o jantar e a ceia num dia lisboeta. "Quem admite ou não uma anistia é a Constituição Federal, e quem interpreta a Constituição Federal é o Supremo Tribunal Federal". Tradução: "Deixa comigo". Haja arrogância.

O Brasil do avesso, governado pelo consórcio STF-PT, é um viveiro de órfãos de pais vivos, inocentes condenados sem provas, doentes privados de remédios, exilados sem passaporte, gente angustiada com o brusco sumiço do horizonte

Moraes começou a melhorar de vida em 1997, ao lançar um livro com o título Direito Constitucional que viraria leitura obrigatória entre estudantes de Direito. Não por conter novidades, por revolucionar doutrinas, ou rejuvenescer velharias. O autor limitou-se a esclarecer a Constituição de 1988 com base em textos produzidos por juristas renomados. Reeditado anualmente, o livro não chegou a mil páginas enquanto Moraes trabalhou como advogado, promotor de Justiça, secretário de Estado e ministro da Justiça e da Segurança Pública. Só em 2022 o que já nascera como tijolaço virou um catatau de 1.077 páginas. Os textos adicionais informam que, depois da chegada ao STF, Moraes mudou de turma, de ideia e de lado. O ministro não escaparia de um zero com louvor se fosse examinado pelo ex-professor Alexandre, isso se o jovem Moraes não fosse enquadrado em algum dos inquéritos conduzidos pelo cinquentão onipotente, onisciente e onipresente que preside o Poder Imoderado — um Poder.



Moraes começou a melhorar de vida em 1997, ao lançar um livro com o título *Direito Constitucional*, que viraria leitura obrigatória entre estudantes de Direito | Foto: Divulgação

Em todas as edições, a epígrafe do livro famoso reproduz, separadas por reticências, a primeira e parte da segunda das seis frases do Salmo de Davi 23. **O Senhor é meu Pastor, e nada me faltará... Guia-me pelas veredas da Justiça por amor ao Seu nome**. O Carcereiro Geral desviou-se das veredas da Justiça e, depois de revogar o restante do salmo, enterrou em cova rasa a sexta frase do salmo: **A bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida, e habitarei na casa do Senhor para sempre**. O professor de Direito achou que nada lhe faltaria. Faltam ao ministro bondade, misericórdia, compaixão. Em contrapartida, sobram-lhe rancor, cólera e ressentimento. Moraes não julga; persegue. Não obedece às leis; é ele a Lei. Não cumpre a Constituição; prefere reformá-la com mudanças secretas. O livro é dedicado à mulher e aos três filhos do casal, que costuma reencontrar nos fins de semana. Sempre escoltado por seis a oito agentes de segurança, circula por restaurantes dirigidos por gerentes que conhece, visita os amigos que restam, evita aviões de carreira e atravessa meses sem dar as caras na rua.

Mas não encontra motivos para remorsos nem tempo para refletir sobre o estranho mundo que ajudou a moldar. O Brasil do avesso, governado pelo consórcio STF-PT, é um viveiro de órfãos de pais vivos, mães arrancadas de casa, inocentes condenados sem provas, doentes privados de remédios, gente perturbada pela temporada no inferno, avós sem notícia dos netos, exilados sem passaporte, prisioneiros perpétuos, gente angustiada com o brusco sumiço do horizonte. Mas vai acabando a era do medo — e a anistia já deixou de ser uma miragem. Como atesta a reportagem de capa assinada por J. R. Guzzo, é impossível acreditar que milhões de brasileiros oprimidos por um aleijão autoritário esperem no purgatório o tempo que falta para a aposentadoria de ministros ainda na faixa dos 50. Há limites para a paciência até nesta vastidão de profissionais da esperança. E a liberdade, quando acorda, sempre tem pressa.

O Brasil do avesso, governado pelo consórcio STF-PT | Foto: Fellipe Sampaio/SCO/STF

Ministro Alexandre de Moraes e o prédio da Suprema Corte americana | Foto: Montagem Revista Oeste/Flickr/Shutterstock

EDIÇÃO 224

Os tiranos odeiam o 4 de Julho

O curioso é que o belo e justo sistema constitucional americano é constantemente enaltecido por ministros do STF, como Alexandre de Moraes

ANA PAULA HENKEL - 05 JUL 2024

ouça este conteúdo

readme

1.0x

Há 248 anos, em 4 de julho de 1776, os termos da Declaração de Independência dos Estados Unidos formavam toda a cadeia genética da nação mais livre do mundo. Os ditames do documento moldaram mais tarde uma sólida constituição que, entre apenas 27 emendas, coloca os direitos individuais inalienáveis acima de governantes e seus desejos e paixões políticas que, por ventura, possam desvirtuar o rumo de suas administrações.

Os Pais Fundadores da América mergulharam na obra de filósofos cujas ideias influenciaram a formação do novo país, como o inglês John Locke. Em seu "Segundo Tratado de Governo", Locke identificou que as bases de um governo legítimo ganham autoridade através do consentimento dos governados e não através das mãos de um monarca. O dever deste governo seria proteger os direitos naturais das pessoas que são concedidos por Deus, e não por um rei: a vida, a liberdade e a propriedade. Para o filósofo que inspirou homens importantes no Novo Mundo, se o governo falhasse em proteger esses direitos, seus cidadãos teriam o direito de derrubá-lo. Simples assim.

E foi justamente essa ideia que influenciou profundamente Thomas Jefferson, um dos Pais Fundadores da América, ao elaborar a Declaração de Independência em 1776. A base da teoria de Locke dos direitos naturais se tornou o pano de fundo do qual a Declaração surgiu: *"Consideramos estas verdades como autoevidentes, que todos os homens são criados iguais, que são dotados pelo seu Criador de certos direitos inalienáveis, entre os quais a vida, a liberdade e a busca da felicidade"*.

We the People
In CONGRESS, July 4, 1776.
The unanimous Declaration of the thirteen united States of America

A Declaração da Independência e a Constituição dos Estados Unidos da América | Foto: Shutterstock

Em novembro de 2012, mais de 235 anos após a Declaração de Jefferson, Bono Vox, vocalista e líder da banda irlandesa U2, discursou na Universidade de Georgetown sobre a contextualização do que aqueles colonos britânicos na América plantaram. Em um evento promovido pela School of Business da universidade, o músico disse: "A América é uma ideia. A Irlanda é um ótimo país, mas não é uma ideia. A Grã-Bretanha é um ótimo país, mas não é uma ideia. É assim que vemos vocês (os americanos) em todo o mundo, como uma das maiores ideias da história da humanidade".

Bono está certo. A América é uma ideia. A frase pode parecer simples e o conceito pode parecer vago para quem olha de fora para os Estados Unidos, mas não enxerga o que o país representa para a civilização ocidental. Até Bono, um social-democrata, entende o que a nação mais próspera do mundo representa. Uma ideia. Uma ideia que é maciçamente fundada em um pilar sagrado para os americanos, a liberdade. Uma ideia aterrorizante para os tiranos, os ditadores, os que estabelecem seu narcisismo na usurpação de poderes e no mais absoluto desrespeito às leis.

E é exatamente na Primeira Emenda à Constituição americana que a liberdade para os americanos, que migraram para o Novo Mundo fugindo da perseguição religiosa, é fortemente protegida contra qualquer tipo de tirania. É na Primeira Emenda, parte da Declaração dos Direitos dos Estados Unidos e adotada em dezembro de 1791, que está o impedimento, textualmente, ao Congresso americano de infringir seus direitos fundamentais: proibir o livre exercício da religião; limitar a liberdade de expressão, de imprensa, do direito de livre manifestação pacífica, e limitar o direito de fazer petições ao governo com o intuito de reparar agravos. A Constituição americana protege até mesmo o discurso mais controverso e ofensivo ao governo e críticas a governantes, legisladores e juízes.

No famoso caso *Jerry Falwell v. Larry Flynt* de 1987, a Suprema Corte Americana afirmou que "No coração da Primeira Emenda está o reconhecimento da importância fundamental do livre fluxo de ideias e opiniões sobre questões de interesse e preocupação pública: *"A liberdade de falar o que pensamos não é apenas um aspecto da liberdade individual, mas também é essencial para a busca comum da verdade e da vitalidade da sociedade como um todo. Temos, portanto, sido particularmente vigilantes para assegurar que as expressões individuais de ideias permaneçam livres de sanções impostas pelo governo"*.

O edifício da Suprema Corte dos Estados Unidos | Foto: Robert A. Powell/Shutterstock

Pura soberba

O curioso é que o belo e justo sistema constitucional americano é constantemente enaltecido por ministros do Supremo Tribunal Federal, como Alexandre de Moraes, um dos nomes que ficará para sempre marcado em nossa história como o homem que desrespeitou a Constituição Brasileira inúmeras vezes, usurpou poderes de outras esferas institucionais, e sentenciou e prendeu pessoas no Brasil à revelia. Alexandre de Moraes, por pura soberba, colocou o Brasil em 2024 na lista dos países com presos políticos.

Há vários discursos e decisões oficiais do ministro Alexandre em que ele cita a América e seus pilares como "o farol no topo da colina". O que se desenrolou após aquele 4 de julho de 1776 foi construído em cima do conceito de que o intercâmbio livre e aberto de ideias encoraja a compreensão, promove a busca pela verdade e permite a refutação de falsidades. Era exatamente isso a que Bono Vox se referia — a concepção de que a melhor forma de se contrapor a um discurso ofensivo não é por meio de regulamentação e autoritarismo, mas com mais discurso e mais liberdade de expressão.

No estranho Brasil de 2024, além do preso político Filipe Martins, ex-assessor para assuntos internacionais do presidente Jair Bolsonaro, há o ex-deputado Daniel Silveira, preso ilegalmente "por palavras", solto por um perdão presidencial concedido por Jair Bolsonaro em 2022, e que voltou para a cadeia em 2023 depois de ter essa graça constitucional derrubada pelo STF. Ação comandada por Alexandre de Moraes.

Filipe Martins, assessor especial da Presidência da República durante o governo Bolsonaro (9/5/2019) | Foto: Arthur Max/MRE

A grande ironia é que em 2018, Moraes votou a favor de um perdão natalino de Michel Temer e citou premissas estabelecidas na sólida democracia americana. Na ocasião, Moraes disse: "Na questão do indulto, esse ato de clemência constitucional é um ato privativo do presidente da república. Podemos gostar ou não gostar, assim como vários parlamentares que também não gostam muito quando o Supremo Tribunal Federal declara inconstitucionalidade de emendas, declara inconstitucionalidades de leis e atos normativos: função constitucional prevista por esse *"check and balances"* (freios e contrapesos nos EUA) para o Supremo. Assim como o ato de clemência constitucional não desrespeita a separação de poderes, não é uma ilícita ingerência do Executivo, com o devido respeito às posições contrárias, na política criminal que, geneticamente, é estabelecida pelo Legislativo e concretamente aplicada pelo judiciário. É um mecanismo de exceção contra o que aquele que tem competência, o presidente da república, entende por excessos da política criminal."

Um antigo Alexandre de Moraes que enaltecia os sagrados pilares da liberdade americana em suas decisões como juiz, e não apenas no falatório que promove toda semana, também aparece na decisão da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 4451 de 2018 quando ele era o relator do caso. Na ocasião, a discussão permeava em torno da sagrada liberdade de expressão. O ministro escreveu em seu relatório final, apoiado por unanimidade pela Corte:

"1. A Democracia não existirá e a livre participação política não florescerá onde a liberdade de expressão for ceifada, pois esta constitui condição essencial ao pluralismo de ideias, que por sua vez é um valor estruturante para o salutar funcionamento do sistema democrático.

2. A livre discussão, a ampla participação política e o princípio democrático estão interligados com a liberdade de expressão, tendo por objeto não somente a proteção de pensamentos e ideias, mas também opiniões, crenças, realização de juízo de valor e críticas a agentes públicos, no sentido de garantir a real participação dos cidadãos na vida coletiva.

3. São inconstitucionais os dispositivos legais que tenham a nítida finalidade de controlar ou mesmo aniquilar a força do pensamento crítico, indispensável ao regime democrático. Impossibilidade de restrição, subordinação ou forçosa adequação programática da liberdade de expressão a mandamentos normativos cerceadores durante o período eleitoral.

4. Tanto a liberdade de expressão quanto a participação política em uma Democracia representativa somente se fortalecem em um ambiente de total visibilidade e possibilidade de exposição crítica das mais variadas opiniões sobre os governantes.

5. O direito fundamental à liberdade de expressão não se direciona somente a proteger as opiniões supostamente verdadeiras, admiráveis ou convencionais, mas também aquelas que são duvidosas, exageradas, condenáveis, satíricas, humorísticas, bem como as não compartilhadas pelas maiorias. Ressalte-se que, mesmo as declarações errôneas, estão sob a guarda dessa garantia constitucional."

Para saber quem são os mocinhos e quem são os bandidos, basta perguntar quem se incomoda com a ideia de que outras pessoas possam falar o que pensam

O Brasil caminha a passos largos em direção a um absoluto regime de exceção – e muito pelas ações de Alexandre de Moraes, não este do julgamento acima, mas o de um personagem macabro de capítulos de uma história assustadora que só vemos em livros que narram os absurdos e desmandos de nações fadadas ao fracasso.

O presidente Lula e o ministro Alexandre de Moraes | Foto: Lucio Tavora/Xinhua

A liberdade de expressão e de manifestação pacífica impulsionou 56 americanos em 1776 a assinarem uma declaração que ainda hoje sustenta a civilização ocidental. Neste 4 de Julho, é necessário refletir sobre a verdadeira essência da independência americana para o mundo. É mais do que apenas uma data no calendário ou "outra independência" — é um testemunho da força, resiliência e união que nos definem como Civilização Ocidental, com letras maiúsculas, e que não se sucumbe diante de regimes totalitários.

Em um cenário político muitas vezes confuso no Brasil e no mundo, é difícil saber quem são os mocinhos e quem são os bandidos. Quem são os *"red coats"*, ou os bons revolucionários. Mas há um teste muito claro e simples. Basta perguntar quem se incomoda com a ideia de que outras pessoas possam falar o que pensam.

Esse teste é infalível e 100% preciso. Quem não permitiria que outras pessoas falassem, discordassem ou questionassem seus governantes? Apenas tiranos.

Revista Oeste » Artigos » Edição 224 » O sal da picanha

Foto: Montagem Revista Oeste/Shutterstock/Fernando Frazão/Agência Brasil

EDIÇÃO 224

O sal da picanha

Enquanto Lula fala, o dólar sobe, mas a culpa é dos jornalistas 'cretinos' que percebem como causa a boca presidencial

ALEXANDRE GARCIA - 05 JUL 2024

ouça este conteúdo readme

1.0x

Quando o presidente anunciou impostos mais altos "para as carnes chiques" — como disse na rádio em Salvador —, logo lembrei de Jânio Quadros proibindo biquíni e rinha de galo, depois de tomar algumas. Quando o vi, no dia anterior, afirmando que o MST não invade terra, porque quem tira terras do agro são os bancos, lembrei de Biden balbuciando coisas sem nexo. Enquanto Lula fala, o dólar sobe, mas a culpa é dos jornalistas "cretinos" que percebem como causa a boca presidencial. Fez até uma reunião para saber quem está por trás desse "absurdo". Imagino seus interlocutores se olhando para saber quem vai pôr o guizo no pescoço do gato.

Desde que foi convencido a dar entrevistas todos os dias para ocupar lugar na mídia, o presidente Lula insiste em criticar a autonomia do Banco Central e, em especial, seu presidente, Roberto Campos Neto, indicado por Bolsonaro. À medida que fala sobre contas públicas, juros e Banco Central, faz o dólar disparar. Contra a autonomia do Banco Central, Lula quer que o presidente seja indicado por ele. Aí o dólar vai a R$ 5,66, encarecendo tudo. No entanto, ressalva que tem que esperar com paciência o fim do mandato de Campos Neto, porque é lei do Congresso. Então por que fala, se vai esperar? Só se desgasta e prejudica a economia.

Assista no X
RÁDIO SOCIEDADE
102.5

Tenho um carro alemão comprado da Senna Import, do tricampeão Ayrton. Quando comprei, o ministro da Fazenda era Pedro Malan, no governo FHC. Era abril de 1995, e o dólar estava a 0,84 centavos do recém-nascido real. Paguei R$ 64 mil. Hoje, o mesmo modelo custa R$ 1,2 milhão, pela tabela Fipe. E o dólar, depois da mais recente entrevista de Lula, foi a R$ 5,70. Como no preço dos automóveis, o valor do dólar afeta os demais preços num mundo globalizado. Erros simples de avaliação, cometidos por quem sempre teve a fama de intuitivo, revelam certo cansaço, neste ano e meio de terceiro mandato.

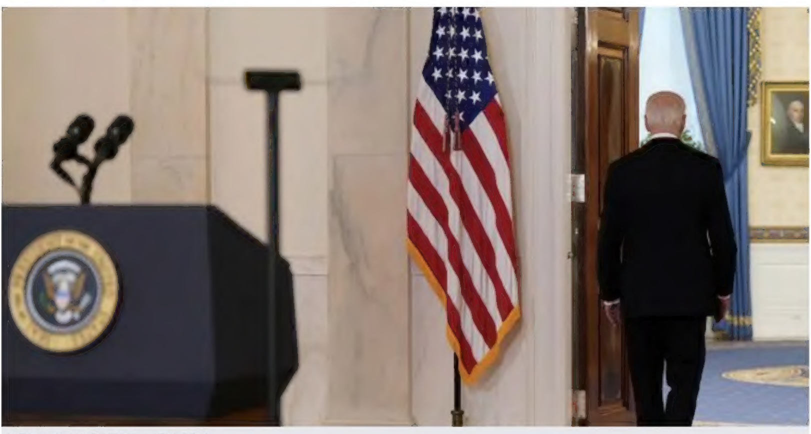
Lula não considerou o bom exemplo, e mantém o ministro Juscelino Filho, mesmo indiciado por corrupção pela Polícia Federal. Pega mal encarar um indiciamento por corrupção como algo com que pode conviver

Lula chegou a imitar Bolsonaro na crítica ao Supremo: "A Suprema Corte não tem que se meter em tudo". Aliás, o falar excessivo atribuído a Bolsonaro parece estar sendo superado por Lula reclamando de mães que têm filhos demais, anunciando que não vai financiar os arrozeiros gaúchos que saíram de secas para enchente recordista e acusando o presidente do Banco Central de trabalhar para os banqueiros, mas sempre elogiando o MST que, por sua vez, critica Lula por frustrar as expectativas dos sem-terra. Na polêmica da droga, lavou as mãos como Pilatos. Eximiu-se de opinar, transferindo a decisão para a "ciência", esquecendo que as famílias esperam a ação social e sanitária do Estado para evitar, tratar, reprimir e pegar o traficante — e diminuir a desgraça.

Até hoje o país lembra do presidente Itamar, que afastou o ministro Hargreaves até que ele demonstrasse inocência de uma suspeita, pois um ministro precisa estar acima de qualquer suspeita. Lula não considerou o bom exemplo, e mantém o ministro Juscelino Filho, mesmo indiciado por corrupção pela Polícia Federal. Pega mal encarar um indiciamento por corrupção como algo com que pode conviver. Quando perde no Congresso e derrubam seus vetos, culpa as lideranças, os ministros e agora os jornalistas e, provavelmente, seus marqueteiros. Mas inventou a importação de 1 milhão de toneladas de arroz, que resultou no fiasco do leilão do arroz com sorvete e arroz com queijo. Depois de mais desgaste com o agro, desistiu.

canal uol
Assista no X
EXCLUSIVO
LULA: PROJETO ANTIBORTO ERA CARNIFICINA CONTRA MULHERES

Em política externa não é diferente. Está perto de Maduro, de Cuba, de Ortega, do Irã, do Hamas, e longe de Israel, com quem temos contratos de defesa e tecnologia, e da Argentina, com quem temos vizinhança e parceria comercial importantíssima. Milei em Balneário Camboriú com Bolsonaro, mas não com Lula na reunião do Mercosul em Assunção. No "golpe" da Bolívia, Lula foi apressado e enganado pela fraude que Evo Morales não engoliu. Nos Estados Unidos, está cada vez mais palpável a volta de Trump, e o Brasil poderá ficar só com os amigos de Lula, já meio distanciado de Boric, do Chile, que recusou, em Brasília, a imposição de Maduro, e sem afinidade com os presidentes do Paraguai e do Uruguai. Enfim, o presidente do Brasil lembra Biden e Jânio, e agora oferece picanha salgada com imposto.



Joe Biden, presidente dos EUA | Foto: Reuters/Elizabeth Frantz

EDIÇÃO 224

A máscara caiu

O desempenho sofrível de Biden revelou ao mundo a farsa que a imprensa tentava esconder

RODRIGO CONSTANTINO - 05 JUL 2024

a⁻ A⁺

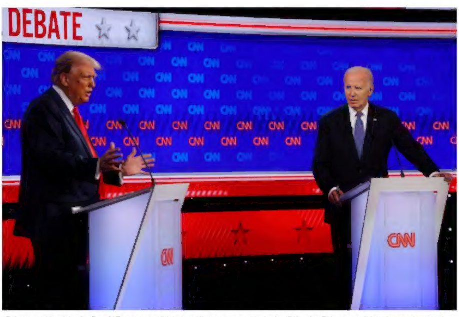
ouça este conteúdo readme

1.0x

Joe Biden foi uma desgraça no debate que ele mesmo convocou com Donald Trump. Biden fez o desafio, escolheu os termos, o local, preparou-se por uma semana, e o mundo viu o fiasco impossível de ser ignorado ou esquecido. O constrangimento foi total do lado democrata. A esquerda entrou em pânico. Os principais veículos de comunicação e influenciadores começaram a falar da necessidade de trocar o candidato para disputar com Trump. Muitos jornalistas ficaram com raiva de Biden.

Mas eis o ponto importante: o que mais incomodou não foi o fato de esses jornalistas terem visto um presidente senil, frágil, gagá, e sim o fato de que o público viu. Afinal, qualquer jornalista teria a obrigação de saber que o estado de saúde mental de Biden não era bom. O que mais os incomodou, portanto, foi a turma ter sido pega com o batom na cueca, com a boca na botija. O desempenho sofrível de Biden revelou ao mundo a farsa que a imprensa tentava esconder.

Simular surpresa, colocar a culpa numa suposta "gripe", falar em "excesso de preparo", tudo isso não passa de uma enorme tentativa de mascarar a realidade: os jornalistas sabiam muito bem que Biden não tem a menor condição de comandar o país por mais quatro anos, mas eles odeiam tanto Trump que estavam dispostos a fingir o contrário. Foram várias as ocasiões em que mentiram de forma escancarada para tentar convencer o público do contrário que todos enxergavam.



Debate presidencial entre Donald Trump, o candidato republicano e ex-presidente dos EUA, e Joe Biden, o candidato democrata e atual presidente, em Atlanta, na Geórgia (27/6/2024) | Foto: Reuters/Brian Snyder

Inventaram até uma nova expressão, "*cheap news*", já que não dava para chamar de *fake news* imagens reais de Biden acenando para o além, cumprimentando fantasmas, caindo do nada, perdendo o fio do raciocínio. Alegavam que eram imagens editadas, fora do contexto, usadas pelos republicanos para pintar um quadro falso. Biden estava afiado feito uma navalha, diziam. A mídia convocava assessores dispostos a mentir de cara lavada, alegando que passavam horas com um presidente totalmente desperto, com faro aguçado, disposto tal como um garotão.

O debate, ou melhor, o massacre serviu para afundar de uma só vez com todas essas narrativas criadas pela própria imprensa. Não dava mais para negar o óbvio ululante. Alguns ainda tentaram, sob o comando de Obama, que disse já ter tido "dias ruins" também. Mas a imprensa sabe que essa linha de discurso não vai convencer mais ninguém, pois o choque foi grande demais. Biden não está mais no controle de suas faculdades mentais. Seu declínio cognitivo salta aos olhos. A imprensa teve de fingir surpresa porque o mundo todo viu aquilo que ela tentava ocultar.

> **Não tenho a esperança de que o fiasco Biden seja um divisor de águas, que faça a mídia mudar sua postura, que leve jornalistas a uma reflexão saudável. Eles vão fazer o que sempre fazem: mudar de assunto, criar pautas, simular surpresa**

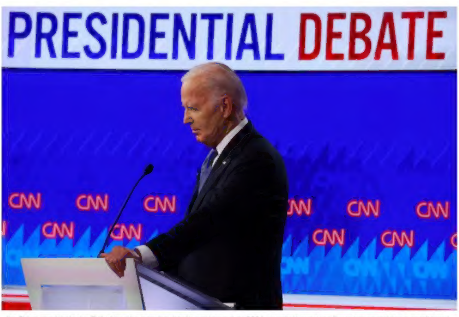
Esse tipo de coisa contribui para a destruição da credibilidade do jornalismo, e isso é péssimo para a democracia — muito mais do que qualquer arroubo retórico de Trump, o "malvadão" que tanta ojeriza desperta nos jornalistas "progressistas". Durante a última campanha eleitoral, não custa lembrar, a mesma imprensa fez de tudo para sumir com o assunto do *laptop* de Hunter Biden, filho de Joe, pois sabia se tratar de uma bomba atômica. Pressionaram as redes sociais para abafar o caso. Conseguiram. E meses depois, com Biden já na Presidência, admitiram como quem não quer nada que era tudo verdade.

Hunter Biden, filho de Joe Biden, se envolveu em diversas polêmicas e foi condenado por posse ilegal de arma | Foto: Reuters/Anna Rose Layden

São esses militantes disfarçados de jornalistas que querem o monopólio da verdade, que acusam certo "discurso de ódio" dos conservadores, que denunciam as fábricas de "*fake news*" das plataformas. Eles morrem de saudade dos tempos em que meia dúzia de canais faziam a curadoria do que era relevante, tudo pela ótica ideológica deles, e apenas isso virava notícia, tratada como imparcial, objetiva. Essa farsa acabou. A maré baixou e todos viram a imprensa nadando pelada. O fenômeno Trump ajudou muito a revelar o teatro, o viés ideológico, a torcida mascarada de reportagem.

Não tenho a esperança de que o fiasco Biden seja um divisor de águas, que faça a mídia mudar sua postura, que leve jornalistas a uma reflexão saudável. Eles vão fazer o que sempre fazem: mudar de assunto, criar pautas, simular surpresa, e vida que segue. E Biden não terá alívio, pois a revolta da turma é diretamente proporcional ao constrangimento que o presidente causou. Não tinha como tomar o mesmo coquetel do dia do "State of the Union"? Não podia ter aguentado só uma hora fingindo vitalidade?

Na campanha de 2020, Biden foi colocado basicamente num porão, pois a tática era tornar a disputa sobre Trump e seus excessos, reais ou inventados. Como presidente em exercício, com um governo medíocre para dizer o mínimo, o pleito passa a ser sobre ele, e os holofotes se voltam para sua figura. Os democratas tentam emplacar a narrativa de ameaça "fascista", mas ninguém com dois neurônios acredita. E, quando analisam o governo Biden, com uma economia patinando, uma diplomacia terrível e um presidente incapaz de provar que está em condições de liderar a nação mais poderosa do planeta, parece evidente que Trump levará vantagem.



Joe Biden, presidente dos EUA, durante o primeiro debate presidencial de 2024, apontado como um fiasco por apoiadores e opositores | Foto: Reuters/Brian Snyder

Cientes disso, os jornalistas ficarão em pânico, e podemos esperar ainda mais mentiras, distorções, exageros. Trump precisa ser pintado como Hitler reencarnado. A alternativa é julgar Biden e seu governo, e aí complica. A imprensa se presta a esse papel sujo atualmente. É a morte do jornalismo. A máscara realmente caiu.

Ilustração: Revista Oeste/Gerada por IA

EDIÇÃO 224

Fé cega, faca amolada

Numa agressão bizarra ao próprio princípio da liberdade de imprensa, os grandes veículos de comunicação começaram a aparecer com manchetes siamesas

GUILHERME FIUZA · 05 JUL 2024

ouça este conteúdo

readme

1.0x

Você quer acreditar na imprensa. Você faz a sua parte para acreditar na imprensa. Você continua chamando jornal de jornal, telejornal de telejornal, revista de revista. Assim você confirma a autoridade jornalística desses veículos. Assim você confirma a sua confiança no princípio básico: o que saiu no jornal é notícia. E o que faz a imprensa com você?

Trai. Vem te dizer nas entrelinhas, ou nas linhas mesmo: "Para de me chamar de imprensa! Para de confiar nas minhas informações e nas minhas intenções! Será que você não vê que eu estou te traindo? Todo mundo já sabe, menos você!".

Numa agressão bizarra ao próprio princípio da liberdade de imprensa, os grandes veículos de comunicação começaram a aparecer com manchetes siamesas. Isso mesmo: notícias iguaizinhas, anunciadas com as mesmas palavras, em veículos concorrentes. No Brasil, parte da grande mídia chegou a se denominar "consórcio de imprensa", supostamente para contrapor os dados governamentais na pandemia. O nome de batismo era consórcio, mas se chamassem de partido ele atendia.

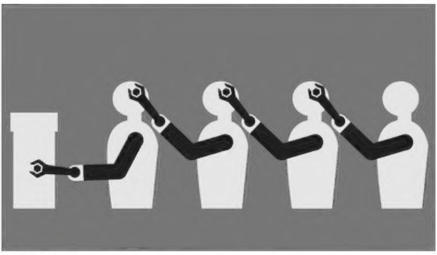


Ilustração: Shutterstock

Nos Estados Unidos não foi diferente. A grande imprensa saiu carimbando como "*fake news*" e "desinformação" tudo que desabonasse o presidenciável escolhido por ela. Em dobradinha com as plataformas digitais, saiu caçando quem mencionasse, por exemplo, as suspeitas contidas num *laptop* do filho do seu candidato. Perguntem aí aos donos da verdade se já pode falar desse escândalo de 2020, porque o mais escandaloso está acontecendo agora.

Depois do debate presidencial entre Biden e Trump, o que fez a chamada grande imprensa? Traiu de novo. Na cara de todo mundo. As coreografias mais bizarras surgiram para negar a performance balbuciante do atual presidente americano. O empresário Elon Musk postou um vídeo que seleciona inúmeras referências de telejornais a Biden usando o mesmíssimo adjetivo: "*sharp*" — que quer dizer "preciso", "certeiro"! Vários deles foram além na jogada ensaiada: "*sharp as a tack*" — que aí quer dizer "afiado como uma navalha".

Biden é uma navalha afiada. E a imprensa é uma faca cega. Vocês foram longe demais no vexame. Nem a Internacional Fascista salva.

Ilustração de Joe Biden e Donald Trump | Ilustração: Shutterstock

O Supremo Tribunal Federal votou pela descriminalização do porte de maconha para consumo pessoal no dia 26 de junho de 2024 | Foto: Montagem Revista Oeste/Valter Campanato/Agência Brasil

EDIÇÃO 224

A descriminalização da irresponsabilidade

A liberação das drogas é pauta de uma elite urbana altamente intelectualizada. Mas e os jovens humildes, que já vivem em áreas dominadas pelo narcotráfico e lutam contra todas as dificuldades?

ROBERTO MOTTA · 05 JUL 2024

ouça este conteúdo readme

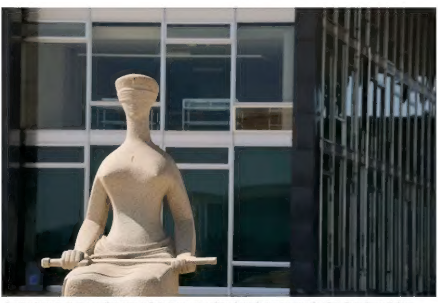
1.0x

Uma decisão judicial determinou a "descriminalização" do "porte de drogas para uso próprio". É uma boa notícia para as *pessoas em situação de maconha*. É uma péssima notícia para o Brasil. Há muitas coisas das quais o país precisa. Entre elas não está a maconha.

A liberação das drogas, independentemente de sua forma, é pauta de uma elite urbana altamente intelectualizada, que já está com a vida ganha e quer tranquilidade para fumar um baseado sem se incomodar com a polícia. Mas e os jovens, que têm uma vida pela frente? E os jovens humildes, que já vivem em áreas dominadas pelo narcotráfico e lutam contra todas as dificuldades? O que o uso de maconha representará para eles? Problemas intelectuais e psiquiátricos, risco de dependência, baixo aproveitamento escolar, frustração social e pobreza.

Durante a sessão que aprovou a "descriminalização", o ministro Luiz Fux disse: *"Nós não somos juízes eleitos. O Brasil não tem governo de juízes. Num Estado Democrático, a instância maior é o Parlamento"*. Espera-se que o Congresso Nacional tenha ouvido essas palavras.

A melhor forma de atingir o equilíbrio entre os Poderes em uma república é através da autocontenção. Ela acontece quando um dos três Poderes teria a possibilidade de tomar determinada decisão, mas decide não tomá-la por entender que ela não está no seu escopo de atuação.



A melhor forma de atingir o equilíbrio entre os Poderes em uma república é através da autocontenção | Foto: Pedro França/Agência Senado

No caso da maconha, essa oportunidade foi desperdiçada.

A decisão da descriminalização deu um triplo golpe no equilíbrio republicano. Primeiro, um tribunal tomou uma decisão que caberia a parlamentares eleitos. Segundo, a decisão contraria frontalmente os sentimentos da maioria dos brasileiros. Terceiro, a decisão resulta em um estado de coisas incompreensível: produção e venda de drogas continuam proibidas, mas o "porte" de drogas, dentro de certas circunstâncias, não será mais considerado crime.

Talvez essa situação possa ser explicada em juridiquês. Mas em português ela não faz o menor sentido.

É preciso também indagar sobre sua motivação.

Essa decisão não trará novos investimentos para o Brasil. Ela não vai criar empregos, não aumentará o PIB, não vai melhorar a qualidade do ensino, nem contribuir para a saúde pública, nem acelerar nosso desenvolvimento tecnológico. Mas então qual seria o benefício dessa decisão?

Para a maioria dos brasileiros não há benefício algum. Essa decisão atende apenas às necessidades intelectuais, emocionais e ideológicas de uma minoria. Os benefícios dessa decisão estão no imaginário daqueles que Thomas Sowell chama de "Os Ungidos".

O ministro Fux disse que "o Supremo Tribunal Federal não detém o monopólio das respostas, e nem é o legítimo oráculo para todos os dilemas morais, políticos e econômicos da nação". Mais uma vez ele acertou em cheio.

Luiz Fux, ministro do Supremo Tribunal Federal desde 3 de março de 2011 e ex-presidente da Corte | Foto: José Cruz/Wikimedia Commons

A maioria absoluta da população brasileira rejeita as drogas. A maioria dos pais e mães do Brasil desejaria que as drogas nunca chegassem perto dos seus filhos. Drogas são o caminho da dependência, dos distúrbios psiquiátricos, do crime e da pobreza. Quem tem dificuldade de entender isso deve visitar uma cracolândia

A maconha é porta de entrada para outras drogas. O Estado que não proíbe droga vai ter que lidar com as consequências depois. Ele vai continuar enfrentando traficantes, porque o tráfico não desaparece com a legalização, pelo contrário, e ainda vai ter que cuidar de uma multidão de dependentes químicos. Alguém sabe quanto custa uma diária de internação em uma clínica especializada na recuperação de dependentes?

Mas as piores consequências do consumo de maconha se chamam PCC, Comando Vermelho, Terceiro Comando, Amigos dos Amigos, Família do Norte e outras "organizações não governamentais" do crime. Quem financia essas organizações são os consumidores de drogas. Esse financiamento, a partir de hoje, vai aumentar muito.

PCC
PAZ. JUSTIÇA
E LIBERDADE
CONTRA
A
OPRESSÃO

PCC, Comando Vermelho, Terceiro Comando, Amigos dos Amigos, Família do Norte e outras "organizações não governamentais" do crime são financiados pelo consumo de drogas | Foto: Reprodução/Mídias Sociais

Logo em seguida à decisão a notícia se espalhou. Ligaram para avisar meu filho: "O governo liberou a maconha, o que seu pai acha disso?". É assim que a notícia está se espalhando: *o governo liberou a maconha*. É assim que esse governo entrará para a história.

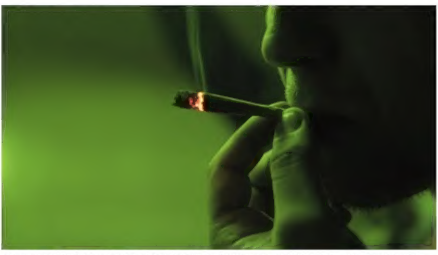
A pergunta que todo mundo está fazendo é: onde a gente compra essa maconha autorizada? Na cabeça das pessoas, agora é permitido comprar e usar maconha. É lógico que os juristas vão dizer — em juridiquês — que a decisão não foi essa. Não foi autorizado o consumo de maconha. Ele continua sendo um ilícito. Eles explicarão que a decisão do tribunal apenas descriminalizou o "porte" da droga.

> **O sujeito pode estar levando 10 gramas para vender ou ter 500 gramas para seu consumo. O resultado de uma decisão como essa é a complicação do trabalho da polícia até o infinito**

Mas uma coisa é a intenção da decisão. Outra coisa, como já explicou o economista Thomas Sowell, são os efeitos na vida real. A interpretação que todo mundo está fazendo é que foi liberada a venda de maconha.

Essa confusão, se não foi intencional, poderia ter sido facilmente prevista.

É importante refletir sobre a expressão "porte de drogas para uso próprio". Esse é um exemplo clássico de uma construção de linguagem cuidadosamente criada para influenciar o debate já no começo. Percebam o uso da palavra *porte*, geralmente usado na expressão *porte de arma*. Quando você traz comida do supermercado, ninguém diz que você está realizando um "porte de alimentos". Quem leva na mochila os livros para a escola não está fazendo "porte de publicações". O uso do termo "porte" parece ter como objetivo dar um aspecto técnico e formal ao ato banal e criminoso — até agora — de transportar drogas.



O emprego do termo "porte" parece ter a intenção de conferir um caráter técnico e formal ao ato criminoso — até então — de carregar drogas | Foto: Kyrylo Vasyliev/Shutterstock

Percebam também a expressão "para uso próprio". Ora, se é para uso próprio, não há nada demais, certo? "*Meu corpo, minhas regras*", não é isso que eles dizem? Foi uma regra esquecida durante a pandemia. Naquela época foi "*nosso corpo, regras deles*".

A questão é que esse tal de "uso próprio" é muito difícil de ser determinado. Se alguém anda pela rua levando drogas, elas podem ser para consumo próprio ou podem ser destinadas à venda. O portador pode não ter tomado essa decisão ainda. Ele pode, inclusive, mudar de intenção no meio do caminho.

É preciso dizer o óbvio: não se caracteriza "uso próprio" através da quantidade. A obviedade chega a ser dolorosa. O sujeito pode estar levando 10 gramas para vender ou ter 500 gramas para seu consumo. O resultado de uma decisão como essa é a complicação do trabalho da polícia até o infinito.

O ministro André Mendonça disse que há uma falsa percepção de que a maconha não faz mal. Ele está certo: a percepção é falsa, criada através de muita propaganda e doutrinação. Ao mesmo tempo que o cigarro de tabaco foi demonizado, o cigarro de maconha foi sendo glamourizado.

André Mendonça, ministro do Supremo Tribunal Federal, declarou seu voto contra a descriminalização do porte de maconha | Foto: Wikimedia Commons

O ministro disse que o uso do entorpecente é o "primeiro passo para o precipício". Ele está certo. Maconha contém o psicotrópico THC, que tem efeitos psicoativos e neurotóxicos, e pode provocar distúrbios psiquiátricos e dependência. De onde virá o dinheiro para pagar o tratamento dos dependentes?

O ministro também disse que a descriminalização é assunto para o Legislativo. Mais uma vez, ele está absolutamente certo.

Há quem defenda a descriminalização das drogas sob o argumento de que, quando se trata a droga como um crime, os pobres são os prejudicados. É um entendimento equivocado. A maioria dos pobres não usa droga, pelo contrário.

Há alguns meses um senador deu a seguinte declaração: "Um pobre, em um local de pobreza, vilipendiado dos seus direitos alimentares, sem saneamento básico, iluminação pública, educação de qualidade e saúde, com cigarros de maconha, as circunstâncias fácticas ali serão a cor da pele e o local do crime".

Vou traduzir para vocês o que o senador disse: a pessoa é pobre, mora em um lugar ruim, não consegue comprar comida, não tem saneamento, nem iluminação, nem ensino bom e nem saúde básica, mas tem cigarros de maconha. O Estado falha em todas as suas obrigações e então, como compensação, oferece um baseado. A droga vai se encarregar de manter a pessoa satisfeita em meio ao lixo, ao esgoto, à fome e à pobreza.

Região conhecida como "Praça do Cachimbo", na cracolândia, em São Paulo | Foto: Rovena Rosa/Agência Brasil

A questão tem outro aspecto mais preocupante. Um ministro do governo, que é ex-ministro da Corte suprema, disse que a decisão vai aliviar a "superlotação das prisões". Essa é uma declaração muito grave. Talvez esteja aqui uma pista para a verdadeira motivação da decisão de "descriminalizar".

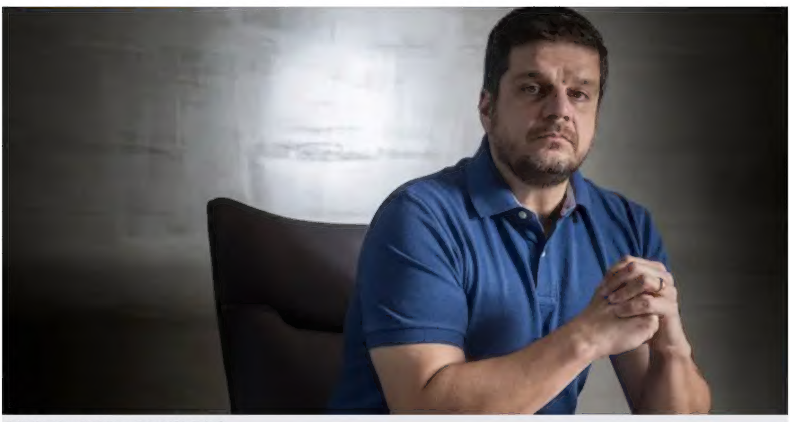
O papel dos tribunais é fazer justiça aplicando a lei. Não é papel dos tribunais administrar o sistema penitenciário, muito menos fazer isso criando alterações de jurisprudência que terão consequências imprevisíveis. De que adianta aliviar a "superlotação" das prisões destruindo o tecido social do país?

As prisões brasileiras são insuficientes para a multidão de criminosos presos, processados e condenados no país. O Estado brasileiro se recusa a aumentar ou melhorar o sistema penitenciário. Essa é uma decisão política. Muita gente denuncia isso há muito tempo. Sou uma dessas pessoas. Nós avisamos: não se constroem novos presídios para que os atuais fiquem lotados e para que, um dia, os defensores de criminosos possam dizer "não se pode prender mais nenhum criminoso porque as prisões estão lotadas" e comecem a soltar criminosos.

De acordo com a declaração do ministro, parece que, por vias indiretas, é isso que vai acontecer.

Quanto à interferência de uma decisão judicial no sistema penitenciário — que é gerido pelo Poder Executivo —, vale lembrar o que disse Antonin Scalia, considerado um dos maiores juízes da Suprema Corte americana:

"O sujeito acha que é capaz de administrar todo o sistema prisional da Califórnia porque cursou uma faculdade de Direito e é juiz? Eu sou juiz e não sei nem a pronúncia correta do meu sobrenome."



Rodrigo Pimentel, ex-policial do Bope e palestrante | Foto: Divulgação

EDIÇÃO 224

‘O crime organizado não se importa mais com o tráfico, quer territórios’

Ex-capitão do Bope e coautor de *Tropa de Elite*, Rodrigo Pimentel afirma que o Brasil está a ponto de se tornar um narcoestado, algo ainda pior que o crime organizado

MYLLENA VALENÇA - 05 JUL 2024

ouça este conteúdo readme

1.0x

Quando o assunto é segurança pública e combate ao crime organizado, autoridades brasileiras param para ouvir o que Rodrigo Pimentel tem a dizer. Ex-capitão do Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope), da Polícia Militar do Rio de Janeiro, Pimentel ficou conhecido no mundo todo pelo filme *Tropa de Elite*, que escancarou a ligação de políticos com as milícias cariocas. Ele foi coautor do livro *Elite da Tropa* e do roteiro do filme.

Cena do filme *Tropa de Elite* | Foto: Reprodução

Na última semana, Pimentel esteve no Recife, em Pernambuco, para participar de um seminário da Comissão de Segurança Pública e Combate ao Crime Organizado, da Câmara dos Deputados, e falou com exclusividade a **Oeste**. O ex-militar criticou ações do Supremo Tribunal Federal (STF) que ajudaram a expandir o crime, afirmou que bandidos já não se importam mais com o tráfico de maconha e cocaína, e garantiu que o “mapa da mina” agora são os territórios das favelas.

O secretário nacional de Políticas Penais, André Garcia, afirmou que mais de 70 facções criminosas atuam nos presídios brasileiros. Por que o Estado não consegue conter a expansão dessas organizações?

O Rio de Janeiro vive um drama chamado milícia. Hoje, por exemplo, o Comando Vermelho já não vende cocaína ou maconha em várias favelas. Ele sobrevive da venda de botijão de gás superfaturado e de cigarro paraguaio. Das 73 facções do Brasil, 72 vendem cigarro paraguaio. E estamos aqui falando apenas de maconha e cocaína. Será que não perdemos o caminho e não paramos de entender o que está acontecendo? Falamos hoje em policiamento municipal, o que é muito importante. As milícias exploram transporte alternativo ilegal e exploram terreno invadido, que são competências municipais. Se eu tivesse uma polícia municipal armada lá, não teríamos milícia no Rio, pois esse é um problema do local. Falei para Mário Sarrubbo, secretário nacional de Segurança Pública: “Pelo amor de Deus, faça chegar ao presidente Lula que o cidadão carioca está pagando R$ 155 num botijão de gás, quando o preço do botijão é R$ 96”. E assim sobrevivem o Comando Vermelho e as milícias. Sei que falar de cocaína e maconha é importante, mas o problema que leva à expansão da criminalidade é muito maior que o tráfico dessas drogas.

Drogas | Foto: Leszek Czerwonka/Shutterstock

Você criticou duramente o envolvimento de políticos com a milícia do Rio de Janeiro. Como funciona esse esquema?

Não tenho dúvidas de que as milícias no Rio de Janeiro possuem sustentação na Câmara Municipal e na Assembleia Legislativa do Estado. No final do ano passado, um partido político do Rio de Janeiro defendeu a volta de uma deputada estadual (Lucinha-PSD) que teve 15 encontros com milicianos, pedindo a libertação de bandidos presos, segundo a Polícia Federal e o Ministério Público. Lucinha foi afastada, e a classe política do Rio se mobilizou para recebê-la de volta ao Parlamento. Esse é um exemplo que deixa claro que existe o nível assombroso de infiltração do crime na política. O que sugere a existência de um narcoestado, algo ainda pior que o crime organizado.

Qual seria a solução para essa infiltração de bandidos na política?

Não dá para falar de combate ao crime organizado sem que a Comissão de Segurança Pública e Combate ao Crime Organizado proponha uma lei de afastamento imediato de deputado federal ou estadual envolvido com crime organizado. Não dá. Voto em deputados de direita do Rio de Janeiro, mas me envergonho do voto que faço neles, pois vários dependem de milicianos. Crime organizado é a simbiose com o poder estatal.

“Por que só quem consegue chegar a algumas favelas do Rio de Janeiro é o ex-ministro da Justiça do governo Lula, Flávio Dino? O Bope não chega, os serviços e obras públicas não chegam, o Samu não chega, a companhia de limpeza urbana não chega, ninguém chega. Mas o ex-ministro chega”

Você sugere a implantação do sistema de lista tríplice para barrar os infiltrados do crime nas corporações policiais. Os parlamentares aprovaram a ideia?

Fiz uma proposta para a Comissão de Segurança Pública e Combate ao Crime Organizado, que já aprovou a minha sugestão. A lista tríplice seria direcionada à indicação de nomes para o comando da Polícia Militar e para delegados gerais. No Rio de Janeiro existe um governador ameaçado pela Assembleia Legislativa. Ele não consegue indicar um comandante para a polícia, pois são os deputados que querem indicar essa pessoa. Curiosamente, a Polícia Federal identificou, há três meses, que metade dos parlamentares do Rio está envolvida com o crime organizado. Como vamos combater o avanço da criminalidade diante desse cenário? A comissão diz que já está sofrendo pressão dos conselhos de comandantes gerais, que ficaram insatisfeitos e querem interferir na criação da lista tríplice. Querem reserva de mercado para a Polícia Militar e a Polícia Civil, segundo o deputado Coronel Meira. Mas os parlamentares dizem que vão dar segmento ao plano. Se conseguirem, eles vão salvar a polícia do Rio. Nos últimos 30 anos, seis delegados chefes de Polícia Civil, indicados pela assembleia estadual, acabaram sendo presos.

POLÍCIA CIVIL
POLÍCIA CIVIL

Policiais civis | Foto: Divulgação

Segundo dados da Universidade Federal Fluminense (UFF), 4,4 milhões de cariocas vivem atrás de barricadas, que são como trincheirar ou pontos de bloqueio erguidos por criminosos para isolar determinadas áreas. Existe solução para isso?

Hoje, deveria ser obsessão do governo federal e da Comissão de Segurança Pública e Combate ao Crime Organizado salvar o carioca da barricada, pois ninguém no mundo merece viver assim. Só no município de São Gonçalo [*no Rio de Janeiro*], o crime já levantou 1,8 mil barricadas. Isso foi possível porque um partido político, o Partido Socialista Brasileiro [*PSB*], entrou com uma Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental [*a chamada ADPF 635, ou ADPF das Favelas*] e provocou o Supremo Tribunal Federal. O STF restringiu operações policiais nas comunidades. Esse fato culminou com a expansão do crime organizado. Por que outro partido não propõe uma nova ação como essa, exigindo o direito fundamental de uma pessoa não viver atrás de uma barricada? Quero que o STF determine ao Governo do Estado do Rio de Janeiro que retire as barricadas e me dê um calendário para isso. É inadmissível ver pessoas em pleno século 21 vivendo dessa forma.

Se o PSB provocou o STF para proibir as operações policiais, por que a comissão ainda não provocou o Supremo para retirar as barricadas?

Por que só quem consegue chegar a algumas favelas do Rio de Janeiro é o ex-ministro da Justiça do governo Lula, Flávio Dino? O Bope não chega, os serviços e obras públicas não chegam, o Samu não chega, a companhia de limpeza urbana não chega, ninguém chega. Mas o ex-ministro chega. Não estou duvidando da honestidade dele, mas sei que ele chegou lá no "desenrolo". Alguém foi lá e conversou antes. Agora, o que acontece se um motoboy chegar ao batalhão da PM e disser: "Acabaram de roubar minha moto e o localizador dela está dizendo que está na favela"? O oficial do dia vai responder assim: "Liga para o STF, porque a gente não pode ir lá".

Recentemente, em entrevista ao UOL, o presidente Lula afirmou que "o STF não precisa se meter em tudo". O senhor concorda?

O Supremo deixa claro na ADPF 635 que operações policiais só podem chegar ao morro em situações de excepcionalidade. Mas eu não votei no Supremo Tribunal Federal para ser governador do meu Estado. O governador eleito com voto popular é que deveria aplicar o policiamento da maneira que ele achar interessante. Então por que o Supremo tem que definir a forma como a polícia vai ser utilizada em meu Estado? E meu medo é que o STF acorde amanhã e determine uma ADPF em vários outros Estados brasileiros. E como ficaria isso? Por que não colocar obstáculo no STF logo agora e dizer: "Isso não é para vocês, não. Isso é segurança pública, isso é com o governador". Respeitosamente, tenho certeza de que os ministros do STF não conhecem a realidade do Rio de Janeiro. Tenho certeza de que eles não sabem que 12 motoristas de Uber foram sequestrados e feitos reféns na favela no Morro do Dendê, na Ilha do Governador. Que uma ambulância do Samu não conseguiu entrar na favela de Manguinhos e uma mulher morreu sem que tivesse acesso a apoio médico. Se os ministros soubessem, iam mandar retirar as barricadas. O cidadão votou em um governador para conduzir a política de segurança pública, e não cabe à Suprema Corte do Brasil determinar como a polícia pode ser empregada.

Por que estabelecer territórios é a prioridade do crime organizado?

O crime organizado não quer mais saber de maconha e cocaína, isso é besteira. Ele quer saber de território. Com áreas em suas mãos, ele vende mercadoria ilegal, oferece transporte alternativo, cigarro ilegal, ganha voto. As milícias descobriram esse caminho, então os Amigos dos Amigos e o Terceiro Comando seguiram a mesma linha. E esse modelo, infelizmente, vai ser levado para todo o Brasil. Já chegou a Salvador, que virou um novo Rio de Janeiro. É um caminho sem volta.

Você está trabalhando no roteiro de um filme homônimo ao livro *Traficantes Evangélicos*, de Viviane Costa, resultado de uma pesquisa que investiga o fenômeno da associação entre traficantes de drogas e a fé evangélica nas comunidades do Rio de Janeiro. Em que fase está a produção?

Nós compramos os direitos do livro e estamos em fase de produção do roteiro, enquanto o diretor, José Padilha, busca recursos. É uma história bem interessante, e fala de um fenômeno que deve ser avaliado e entendido. Bandidos de uma facção do Rio de Janeiro estão buscando a Bíblia, mas, em vez de buscar paz, buscam guerra. E sabemos que fundamentalismo religioso acompanhado de armas se parece com o terrorismo do Hamas. Esses bandidos interpretam a Bíblia de forma errada, para implementar sua força. Hoje, o que acontece é que milhares de bandidos nas favelas estão matando pessoas com fuzis e segurando o livro sagrado na outra mão. O filme sobre essa história deve ser lançado em 2026.

Incêndio no Pantanal, a maior área úmida do mundo, em Corumbá, em Mato Grosso do Sul (12/6/2024) | Foto: Reuters/Jesler Marcelino

EDIÇÃO 224

O Brasil está pegando fogo

Diante da falta de ações preventivas por parte do governo federal, o Pantanal e o Cerrado encerram o primeiro semestre de 2024 com o maior número de incêndios florestais já registrado na história do país

ANDERSON SCARDOELLI - 05 JUL 2024

ouça este conteudo
readme
1.0x

O governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva bateu dois recordes ambientais em 2024. De acordo com o Aqua, satélite de referência do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), o Pantanal e o Cerrado nunca tiveram tantos registros de incêndios florestais num primeiro semestre. De janeiro a junho, foram mais de 3,5 mil e 13,2 mil focos de calor (nome técnico usado para queimadas e incêndios florestais) em cada uma das áreas, respectivamente. Dos outros quatro biomas que cobrem o território nacional — Amazônia, Caatinga, Mata Atlântica e Pampa —, somente o último apresentou um número menor de queimadas em relação ao mesmo período do ano anterior. Os fatos mostram que, com o petista à frente da Presidência da República, o Brasil pega fogo.

No caso do Pantanal, a quantidade de queimadas no primeiro semestre deste ano supera em cerca de 40% o que era, até então, o pior resultado para o período. Durante os seis primeiros meses de 2020, o bioma registrou 2,5 mil focos de calor. A gritaria que se ouviu de artistas, intelectuais e da esquerda em geral na época de Jair Bolsonaro na Presidência torna o silêncio de agora ainda mais ensurdecedor.

Incêndios voltaram a atingir o bioma pantaneiro (2023) | Foto: Joédson Alves/Agência Brasil

Com relação ao Cerrado, Lula conseguiu superar a si mesmo. O recorde de incêndios florestais no bioma para um primeiro semestre havia sido registrado em 2007, primeiro ano do segundo mandato do petista. Agora, foram contabilizados 15 focos de calor a mais.

Outros recordes de incêndios florestais aconteceram com Lula à frente do Executivo federal. A Amazônia, por exemplo, nunca queimou tanto num primeiro semestre como no período de janeiro a junho de 2004, com 17,3 mil registros. Um ano antes, havia sido a vez da Mata Atlântica. Pela primeira vez desde o início da série histórica, que agrupa estatísticas desde junho de 1998, o bioma superou 8 mil focos de calor na soma dos seis primeiros meses de um ano.

Embora se apresente como o grande guardião ambiental do Brasil, o Partido dos Trabalhadores (PT) não liderou o número de queimadas só quando Lula esteve no poder. A ex-presidente Dilma Rousseff também encabeça algumas listas. Em 2012, por exemplo, a Caatinga alcançou pela primeira — e única — vez a marca de 2,3 mil focos de calor no semestre.

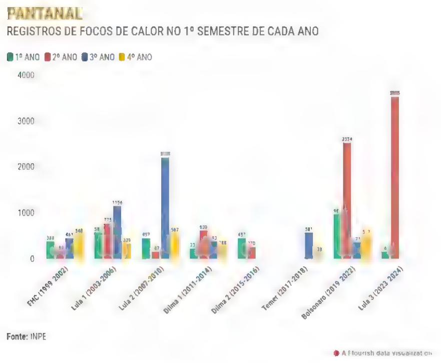
E o Bolsonaro?

Durante os quatro anos em que governou o país, Bolsonaro foi alvo constante de críticas da esquerda — especialmente de Lula — por uma suposta "omissão" em relação à implementação de políticas verdes. O ex-presidente, contudo, lidera os incêndios florestais apenas no Pampa — com mil focos de calor no primeiro semestre de 2020. Em todos os outros biomas, o *ranking* de queimadas num primeiro semestre é liderado por um representante do PT.

> "A farsa do chamado 'aquecimento global' ruiu"
> (Jair Bolsonaro)

"A farsa do chamado 'aquecimento global' ruiu", desabafou Bolsonaro, em seu canal no WhatsApp. "Por isso, os 'progressistas' mudaram a coisa para 'mudanças climáticas'. Uma tentativa de manter a farsa fatalista que leva à expedição de regras draconianas sobre a ocupação humana dos espaços, a produção agrícola, a pujança criada pelo capitalismo, o uso de combustíveis verdadeiramente eficientes etc."

1 of 6



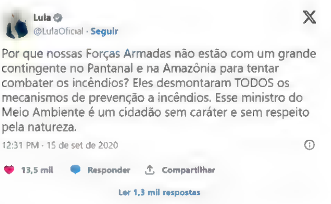
Fonte: INPE

A Flourish data visualization

É culpa do aquecimento global

O posicionamento de Bolsonaro foi registrado logo depois que Lula e Marina Silva, ministra do Meio Ambiente, mudaram o discurso. Em 2020, quando o Pantanal havia — até então — batido recorde de incêndios florestais para um primeiro semestre, eles fizeram questão de responsabilizar Bolsonaro pelo fogo. Agora, culpam o "aquecimento global".

Em setembro daquele ano, Lula acusou a gestão bolsonarista de ter desmontado "todos os mecanismos de prevenção a incêndios". Na ocasião, ainda aproveitou para ofender o então ministro Ricardo Salles, hoje deputado federal pelo PL de São Paulo, chamando-o de "cidadão sem caráter e sem respeito ao meio ambiente".



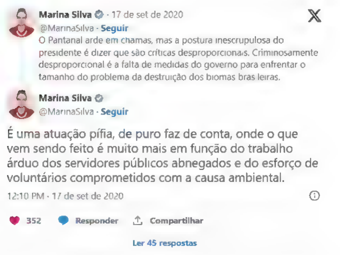
Lula
@LulaOficial · Seguir

Por que nossas Forças Armadas não estão com um grande contingente no Pantanal e na Amazônia para tentar combater os incêndios? Eles desmontaram TODOS os mecanismos de prevenção a incêndios. Esse ministro do Meio Ambiente é um cidadão sem caráter e sem respeito pela natureza.

12:31 PM · 15 de set de 2020

Agora, com novos recordes de focos de calor, Lula não só elogiou Marina como deu a ela a missão de liderar uma tal "sala de situação" para a "prevenção e controle de incêndios no Pantanal". O grupo se reuniu pela primeira vez em 14 de junho. No mesmo dia, a ministra tentou livrar a sua equipe de quaisquer responsabilidades. De acordo com ela, o país lida com o "agravamento dos problemas em função de uma combinação de El Niño e mudança do clima".

Há quatro anos, a conversa era outra. "O Pantanal arde em chamas, mas a postura inescrupulosa do presidente é dizer que são críticas desproporcionais", afirmou Marina pelo Twitter/X, em setembro de 2020. "Criminosamente desproporcional é a falta de medidas do governo para enfrentar o tamanho do problema da destruição dos biomas brasileiras [*sic*]."



Marina Silva · 17 de set de 2020
@MarinaSilva · Seguir
O Pantanal arde em chamas, mas a postura inescrupulosa do presidente é dizer que são críticas desproporcionais. Criminosamente desproporcional é a falta de medidas do governo para enfrentar o tamanho do problema da destruição dos biomas brasileiras.

Marina Silva
@MarinaSilva · Seguir

É uma atuação pífia, de puro faz de conta, onde o que vem sendo feito é muito mais em função do trabalho árduo dos servidores públicos abnegados e do esforço de voluntários comprometidos com a causa ambiental.

12:10 PM · 17 de set de 2020

Hoje, a ministra aproveitou para culpar também os produtores rurais pelo crescimento dos incêndios florestais no Pantanal. E afirmou que o caos atual se dá como consequência das "ações humanas".

Com isso, ela repete o que diz Raoni Guerra Lucas Rajão, diretor do Departamento de Políticas de Controle do Desmatamento e Queimadas, órgão ligado ao Ministério do Meio Ambiente. Embora seja formado em ciência da computação, Rajão foi escolhido por Marina para ser peça-chave no setor que deveria combater os incêndios florestais.

Rajão já escreveu diversos artigos em que, entre outros pontos, culpa produtores rurais, companhias do agronegócio e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) pelo que chamou de "enfraquecimento das políticas de redução de desmatamento anteriormente bem-sucedidas". Num dos textos, ele acusa o setor produtivo nacional de contar com algumas "maçãs podres". Depois de discursos desse tipo, Rajão passou a conceder inúmeras entrevistas e ganhou destaque na imprensa tradicional com o *status* de "especialista em temas ambientais".

Até o momento, não há nenhum registro recente de entrevista em que Rajão tente explicar o que está acontecendo com o Pantanal e o Cerrado. Ao que parece, a imprensa tradicional esqueceu o "especialista" de outrora.

A pecuária como solução

Diferentemente do que o aliado de Marina Silva defendeu, quem atua diretamente com a cadeia agroprodutiva do país discorda do conceito das "maçãs podres" no segmento. Profissionais do setor defendem justamente o contrário. De acordo com eles, a pecuária é a solução — não o problema — quando o assunto é prevenção contra a proliferação do fogo.

"Com mais de 270 anos de história, os pantaneiros conciliam preservação ambiental e pecuária sustentável, viabilizando a conservação ambiental desse importante bioma que, com 86% da sua área preservada, é o ecossistema mais protegido no Brasil", ressaltou uma nota conjunta assinada pelos presidentes da Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul, Marcelo Bertoni, e da Associação dos Criadores de Mato Grosso do Sul, Guilherme Bumlai. "Fatores como seca prolongada, altas temperaturas, baixa umidade do ar e vegetação com características de alta combustão, somados à dificuldade de acesso, favoreceram os incêndios, naturais ou acidentais, que avançam extremamente rápido, principalmente em áreas onde não é exercida a atividade pecuária."

SEM FILTRO
MARINA SILVA TEM NOVO CULPADO

Gilson de Barros, presidente do Sindicato Rural de Corumbá (MS), concorda. Recentemente, ele escreveu um artigo em que mostra que o problema das queimadas é maior onde a criação de gado não se faz presente. "Esse discurso de que o culpado pelos incêndios florestais no Pantanal é o produtor rural precisa acabar", diz. "Precisamos tomar medidas preventivas para proteger essas áreas onde o boi não pasta, áreas como as reservas ambientais, parques, beira de rios e regiões que acumulam muita matéria seca."

Barros registra que a queima dessa matéria seca, chamada macega, deixou de ser feita pelos produtores rurais pantaneiros. O motivo: risco de multa. A consequência disso é o aumento de incêndios florestais na região, uma vez que esse capim alto e seco acaba funcionando como "combustível" para a maior propagação do fogo.

Quem também ajuda na prevenção do bioma é o "boi bombeiro". A expressão foi criada no início da década de 1980 pelo pesquisador Arnildo Pott. Aposentado da Embrapa desde 2008, ele dedicou décadas de trabalho ao estudo da relação da pecuária com o Pantanal e entendeu que a presença de rebanhos contribui para reduzir os focos de calor, uma vez que o gado acaba se alimentando das macegas.

"É uma ilusão acreditar que tirar o gado de uma propriedade, o que era tido como fator de perturbação, ajuda na prevenção de incêndios", afirma. "O que ocorre é o contrário. Sem gado, áreas como a do Pantanal viram barris de pólvora."

Pott conta que chegou a ser "ridicularizado" por defender a maior presença de gado no bioma pantaneiro. Ressalta, contudo, que viu o seu trabalho ser atestado por outros colegas da Embrapa. Um estudo publicado em agosto de 2021 escrito por Luiz Orcirio Fialho de Oliveira e Urbano Gomes Pinto de Abreu, por exemplo, foi categórico já no título: "Os bovinos protegem o Pantanal de incêndios". Como base, a dupla analisou a situação de Corumbá, município sul-mato-grossense com 64 mil km^2 de área territorial (11° maior do Brasil), 95 mil habitantes e que ostenta o título de "capital do Pantanal".

"A pecuária tem sido reduzida e perseguida"
(Evaristo de Miranda)

"Em Corumbá, no ano em que ocorre diminuição do efetivo bovino municipal, aumenta no ano seguinte o número de focos de calor", conclui a dupla. Evaristo de Miranda, colunista de **Oeste** e pesquisador aposentado da Embrapa, afirma que "a pecuária tem sido reduzida e perseguida" não só no Pantanal, mas em todos os biomas brasileiros.

Enquanto Lula segue como presidente da República, Marina Silva permanece no Ministério do Meio Ambiente e o cientista da computação Raoni Rajão continua na função de diretor do departamento que deveria combater incêndios florestais, novos recordes de focos de calor são registrados no Pantanal e no Cerrado. Mas a culpa pelo fogo é dos pecuaristas. E do "aquecimento global", claro.

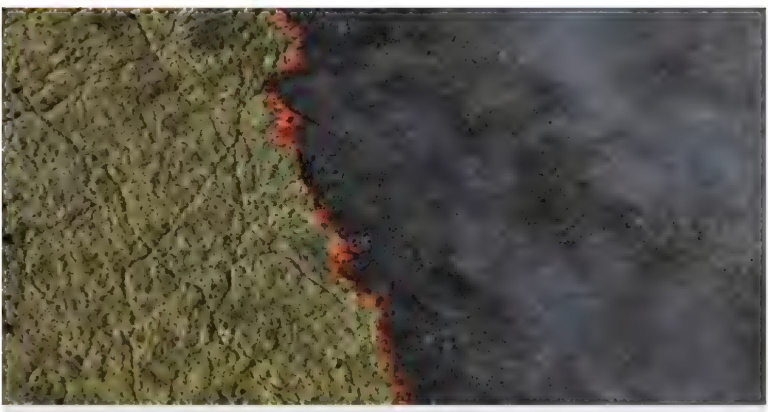


Imagem de drone mostra fumaça tomando conta da vegetação no Pantanal, em Corumbá, Mato Grosso do Sul (10/6/2024) | Foto: Reuters/Ueslei Marcelino

EDIÇÃO 224

Imagem da Semana: incêndio fora de controle

O Pantanal, abrigo de milhares de plantas e espécies ameaçadas, tem mais de 700 mil hectares do bioma consumidos pelo fogo

DANIELA GIORNO - 05 JUL 2024

ouça este conteúdo
readme
1.0x

O fogo tomou conta da maior área úmida tropical do mundo, o Pantanal. Na última terça, 2, já foram contabilizados mais de 700 mil hectares do bioma consumidos pelo fogo, a pior destruição da história.

O incêndio na região teve início no final de maio e alcançou a maior média de área queimada no mês de junho. Até este ano, o pior junho havia sido em 2005, com registro de 435 pontos de incêndio. Segundo dados do sistema Queimadas, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), o cenário atual representa um salto de 506% no comparativo entre os dois piores anos.

O Inpe também observou uma atividade de fogo excepcionalmente intensa no Pantanal no último mês. Usando dados do instrumento Modis (sigla em inglês de espectrorradiômetro de imagem de resolução moderada) do satélite Aqua, da Nasa, foram detectados 549 incêndios ativos em 11 de junho, o que representa mais detecções de incêndio do que em qualquer outro mês de junho no registro do instituto, desde 1998.

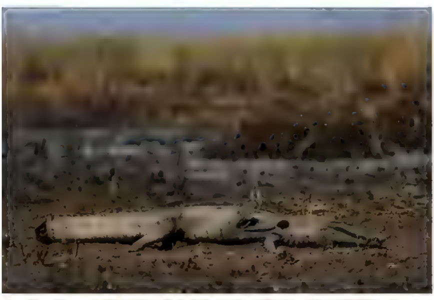
Mato Grosso, que abriga cerca de 40% do Pantanal brasileiro — os outros 60% estão no vizinho Mato Grosso do Sul —, lidera o *ranking* de queimadas dos Estados, de acordo com o BDQueimadas. O município de Corumbá concentra 66% dos incêndios.

Especialistas em clima consideram a temporada de incêndios florestais deste ano precoce e mais intensa do que nos anos anteriores. O aumento é particularmente preocupante porque a época de alta dos incêndios florestais costuma começar apenas em julho, no início da estação seca, com pico em agosto e setembro.

O Pantanal, uma vasta planície aluvial de água doce e bioma extremamente rico, possui a maior concentração de vida selvagem da América do Sul, segundo o World Wildlife Fund (WWF). É o lar de milhares de plantas e espécies ameaçadas ou incomuns, incluindo onças-pintadas, ariranhas, lontras gigantes, tamanduás-bandeira, araras-azuis e tatus gigantes. É também uma importante paragem nas rotas de cerca de 180 espécies de aves migratórias.

Imagens divulgadas pela agência de notícias Reuters no início desta semana impressionam e mostram esqueletos carbonizados de animais selvagens, incluindo jacarés, macacos e cobras. A devastação segue sem trégua (*leia reportagem "O Brasil está pegando fogo", nesta edição*).

[illegible] Pantanal [illegible] Pantanal [illegible] em Corumbá, Mato Grosso do Sul [illegible] | Foto: Reuters/Ueslei Marcelino

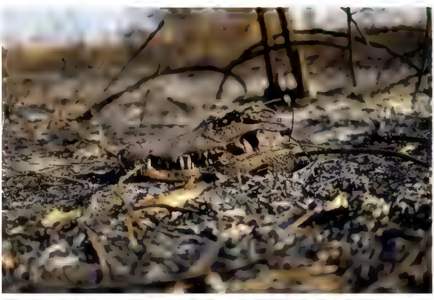


Um jacaré queimado jaz em meio à vegetação incendiada do Pantanal, em Corumbá, Mato Grosso do Sul, 14 [illegible] 2024 | Foto: Reuters/Ueslei Marcelino

[illegible] bombeir[illegible] voluntári[illegible] da Brigada do Alto Pantanal, trabalha para extinguir um incêndio que atinge o Pantanal, em Corumbá, Mato Grosso do Sul [illegible] | Foto: Reuters/Ueslei Marcelino

[illegible] no Pantanal [illegible] Corumbá, Mato Grosso do Sul [illegible] | Foto: Reuters/Ueslei Marcelino

[illegible] Mato Grosso do Sul [illegible] | Foto: Reuters/Ueslei Marcelino



Crânio de um crocodilo queimado no Pantanal, em Corumbá, Mato Grosso do Sul [illegible] 2024 | Foto: Reuters/Ueslei Marcelino

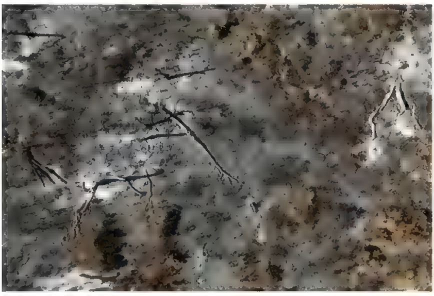
[illegible]

[illegible]

cendio toma conta da maior área úmida do mundo, em Corumbá, Mato Grosso do Sul (2/6/2024) | Foto: Reuters/Ueslei Marcelino

Restos mortais de um macaco queimado em Corumbá, Mato Grosso do [illegible] 24 | Foto: Reuters/[illegible] Marcelino

[illegible]



[illegible]

__Daniela Giorno__ é diretora de arte de **Oeste** *e, a cada edição, seleciona uma imagem relevante na semana. São fotografias esteticamente interessantes, clássicas ou que simplesmente merecem ser vistas, revistas ou conhecidas.*

Ilustração: Revista Oeste/Shutterstock

EDIÇÃO 224

Era uma vez um orçamento secreto

Sem votos, Lula libera valor recorde para o Congresso às vésperas das eleições em busca de salvação para a área econômica

SILVIO NAVARRO · 05 JUL 2024

ouça este conteudo

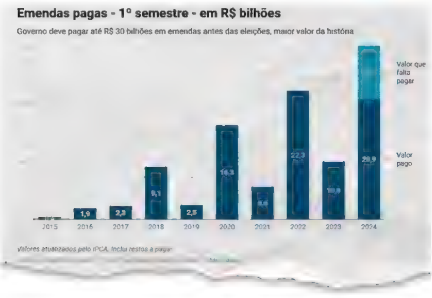
readme

1.0x

Ao longo do governo Jair Bolsonaro, ao menos uma manchete por dia da imprensa tradicional acusava um crime silencioso em curso no Congresso Nacional: o orçamento secreto. O Palácio do Planalto teria entrado no jogo de deputados e senadores e trocado votos pelas chamadas emendas — mas tudo feito sem muita transparência. Nesta semana, a gestão Lula da Silva vai entregar R$ 30 bilhões aos parlamentares, uma cifra sem precedentes para um semestre. O orçamento, contudo, não é mais tratado como secreto, e agora entram também as ágeis e modernas "emendas Pix".

O desembolso foi acelerado porque a Lei Eleitoral proíbe a liberação de recursos três meses antes do primeiro turno — ou seja, neste sábado, dia 6. O governo entendeu a pressa dos congressistas em destravar verbas para os prefeitos aliados e apresentou uma lista de pautas econômicas — que Lula também tem pressa — para votar no Legislativo. As principais são as dívidas dos Estados com a União, a desoneração da folha de pagamentos, a reforma tributária e a regulamentação dos cassinos.

Os R$ 30 bilhões representam 60% do bolo reservado para as emendas (R$ 50 bilhões), que nunca fecham o ano completamente quitadas — por isso existem os chamados restos a pagar.



Emendas pagas - 1º semestre - em R$ bilhões

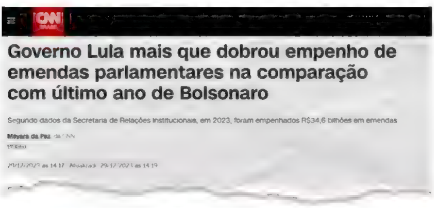
Governo deve pagar até R$ 30 bilhões em emendas antes das eleições, maior valor da história

Valores atualizados pelo IPCA. Inclui restos a pagar

Antes de entrar no xadrez político, é preciso entender o misterioso universo das emendas parlamentares, um jargão que só funciona quando usado nos corredores de Brasília. O primeiro passo é traduzi-lo para "dinheiro dos pagadores de impostos entregue anualmente para o manejo político de deputados e senadores". Como esses recursos são usados? Para obras nos municípios onde eles tiveram votos e são aliados dos prefeitos. Que tipo de obras? Aquelas que têm visibilidade, logo, apelo eleitoral, porque podem ser anunciadas em placas, como asfalto novo, ampliação de praças, quadras esportivas, equipamentos ou ambulâncias para hospitais etc.

Essas emendas são distribuídas na peça orçamentária, aprovada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo presidente. O bolo é fatiado assim: emendas individuais, das bancadas estaduais (feitas em conjunto) e das comissões temáticas (saúde, educação, segurança, entre outras). Outra modalidade, tratada no passado como escândalo pela velha mídia, eram as emendas selecionadas pela caneta do relator do Orçamento até 2022, o tal "orçamento secreto".

Resta ainda uma parte dos recursos que não pode ser modificada de jeito nenhum, como as obrigações para a área da saúde e ações emergenciais em caso de calamidades nos Estados.

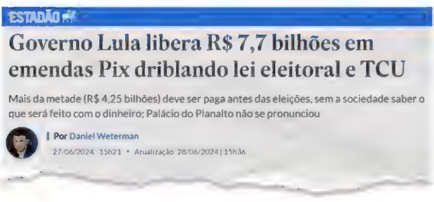


Governo Lula mais que dobrou empenho de emendas parlamentares na comparação com último ano de Bolsonaro

Segundo dados da Secretaria de Relações Institucionais, em 2023, foram empenhados R$34,6 bilhões em emendas

Mayara da Paz, da CNN

29/12/2023 às 14:17 · Atualizado 29/12/2023 às 14:19

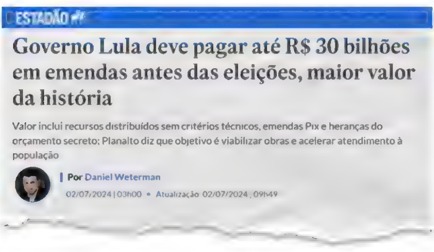


Governo Lula libera R$ 7,7 bilhões em emendas Pix driblando lei eleitoral e TCU

Mais da metade (R$ 4,25 bilhões) deve ser paga antes das eleições, sem a sociedade saber o que será feito com o dinheiro; Palácio do Planalto não se pronunciou

Por Daniel Weterman

27/06/2024 15h21 • Atualização 28/06/2024 | 15h36



Governo Lula deve pagar até R$ 30 bilhões em emendas antes das eleições, maior valor da história

Valor inclui recursos distribuídos sem critérios técnicos, emendas Pix e heranças do orçamento secreto; Planalto diz que objetivo é viabilizar obras e acelerar atendimento à população

Por Daniel Weterman

02/07/2024 | 03h00 • Atualização 02/07/2024 , 09h49

Oeste tratou do assunto na edição 125, em agosto de 2022, pouco antes da corrida eleitoral. A reportagem narra a tentativa das redações em fabricar um crime tão sofisticado que nem elas conseguiam explicar. À época, o próprio presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), que tem uma planilha com tudo o que acontece nos gabinetes da Casa há anos — não à toa foi eleito com 464 dos 513 votos possíveis —, disse que a adjetivação "secreto" era descabida porque a distribuição de emendas acontece desde 1988.

Nesse caso, Lira tem razão. Para quem acompanha o noticiário político, a manchete "Governo libera verbas de emendas para votar tal projeto" segue lá há décadas. A única mudança talvez seja que a liberação "para os partidos aliados" deu lugar a "partidos do centrão", nome dado à massa majoritária da Câmara que tem vida própria e independe do PT.

O centrão ganhou identidade em 2005 numa madrugada de fevereiro que elegeu o folclórico Severino Cavalcanti, pernambucano do PP, para a presidência da Câmara. À época, a oposição aproveitou um racha na bancada do PT, que tinha dois candidatos, e apoiou uma massa de parlamentares desconhecidos da grande mídia, o tal "baixo clero". Depois desse grito de independência, a adesão automática ao PT nunca mais foi a mesma, e o centrão passou a ter seus próprios líderes, como Eduardo Cunha (RJ) e Arthur Lira.

Mas o que dizer sobre a falta de transparência depois que a emenda chega ao caixa das prefeituras? Isso é resultado da escolha da engrenagem de transferência dos recursos, que neste ano teve aval inclusive de Lula. Resumindo: para tornar a entrega do dinheiro mais descomplicada, criou-se a chamada "emenda Pix". O deputado indica diretamente a conta bancária do município para o depósito — daí a escolha do apelido "Pix". Na prática, elimina-se toda a burocracia cartorial dos ministérios, a necessidade de comprovar que se trata de política pública urgente, e o pagamento não ocorre a conta-gotas ao longo de anos.

A partir desse ponto, o problema do mau uso do dinheiro é com as áreas de fiscalização, a cargo das dezenas de tribunais de contas espalhados pelo país, da Controladoria-Geral da União (CGU), do Ministério Público e da Polícia Federal — permanentemente ocupada em caçar produtores de *fake news*.

Um dado não pode ser desprezado: se acontecer o desvio de verbas públicas com as digitais de congressistas, é dever do Tribunal de Contas da União (TCU) apontá-lo e da Polícia Federal agir. Foi assim com a Máfia dos Sanguessugas, que roubou dinheiro de ambulâncias em 2006, e com os Anões do Orçamento — os deputados acusados tinham baixa estatura —, na década de 1990, durante o governo Fernando Collor de Mello. Nos dois episódios, a roubalheira foi tão escancarada que a descoberta não exigiu muito esforço dos órgãos de fiscalização. No primeiro caso, as ambulâncias simplesmente nunca chegaram à população. No segundo, um deputado justificou o enriquecimento à sorte grande: ganhou dezenas de vezes na loteria. A maioria dos parlamentares flagrados foi presa e alguns tiveram mandatos cassados ou renunciaram.

TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO

[illegible]

Hoje, as ferramentas de controle do próprio Legislativo funcionam melhor, e o acesso às tabelas é público pela internet. Isso explica por que ninguém nunca entendeu o orçamento secreto criado pelos jornais — porque ele jamais existiu. Os recursos são legais. O que sempre ocorreu foi *lobby* político — quem barganha melhor leva mais, o que faz parte do jogo desde sempre. E a corrupção, quando descoberta, ocorre na ponta: no caixa dos municípios.

> **"A balcanização do orçamento, que deixa de atender a critérios objetivos de distribuição, leva à desestruturação de serviços e políticas públicas essenciais, cujo planejamento fica inviabilizado."**
> **(Voto da ex-ministra Rosa Weber, do Supremo Tribunal Federal)**

A insistência da imprensa, que tentou cunhar termos como "Bolsolão", teve o empenho dos partidos de esquerda. As siglas, com o senador Randolfe Rodrigues (AP) à frente, acionaram o Supremo Tribunal Federal (STF). A então ministra Rosa Weber suspendeu os pagamentos, disse que havia uma "balcanização" do orçamento, só destravado pela Corte com interferência nas regras do Legislativo — embora não se tratasse de matéria constitucional, exigiu ajustes nas normas. O tema foi usado pelo PT na campanha eleitoral para atacar Bolsonaro.

Desde o ano passado, nunca mais Randolfe nem seus amigos foram vistos batendo à porta do Supremo por causa do Orçamento da União.

A conclusão é que o dilema das emendas parlamentares termina numa pergunta: se havia alguma imoralidade no pagamento dos recursos no governo Bolsonaro, por que o assunto desapareceu da maioria das redações da velha imprensa com Lula? A resposta o eleitor já sabe.

Leia também "Tempos de treva"

Foto: Shutterstock

EDIÇÃO 224

Do limbo do amor à sensatez

Como aceitar um governo que se opõe à nova economia do empreendedorismo tentando lhe impor o sindicalismo anacrônico e estacionado no século 20?

ADALBERTO PIOTTO - 05 JUL 2024

ouça este conteúdo

readme

1.0x

Lula não é do amor. O amor não venceu. E o que esse "amor" tem a ver com o cenário econômico do momento no Brasil, com alta turbulência no câmbio e o dólar muito mais próximo de R$ 6 do que de R$ 5? No governo do lulopetismo, tudo.

Antes de irmos adiante, é importante lembrar que esse tal "amor" foi uma narrativa da campanha de 2022, tão intensa quanto distante da verdade, mas que, de alguma forma, convenceu até gente muito bem informada. O "amor" recente — as aspas vão sempre acompanhar a citação do termo neste artigo a partir de agora — foi uma releitura do "Lulinha, paz e amor", do marketing de Duda Mendonça que conseguiu tirar a carranca truculenta do ex-sindicalista para ganhar a eleição de 2002. Já no governo, apesar do escândalo de compra de apoio no Congresso, o "Mensalão", que viria a seguir, o pragmatismo do então ministro da Fazenda, Antonio Palocci, venceu o atraso das ideias petistas no início da gestão. E reforçou ainda mais o legado das medidas de austeridade herdadas do governo Fernando Henrique Cardoso, violentamente criticado pela ala ideológica do PT, mas que sobreviveu a várias crises internacionais e manteve o país funcionando.

O AMOR VENCEU

É importante lembrar que esse tal "amor" foi uma narrativa da campanha de 2022, tão intensa quanto distante da verdade, mas que, de alguma forma, convenceu até gente muito bem informada | Foto: Reprodução

O "amor" de 2022 também tinha a intenção de se opor ao alegado barulho do governo de Jair Bolsonaro, que concorria à reeleição. Barulhento ou não na política, o bolsonarismo tinha uma agenda econômica liberal, focada em criar um ambiente favorável ao investimento externo, de desburocratização, com segurança jurídica, reformista e modernizadora. Com foco em responsabilidade fiscal e redução do Estado caro e ineficiente, entregou o país com superávit primário, redução do endividamento, impostos mais baixos, desemprego em queda e forte recuperação econômica, encerrando o ano de 2022 com PIB positivo de 2,9%. Apesar de uma pandemia sem precedentes e a guerra na Ucrânia, que trouxeram a combinação explosiva de escassez de insumos e disparada do preço do petróleo no mercado internacional, o país superou o momento mais incerto da economia global desde a crise de 2008.

A era do ministro Paulo Guedes foi de uma equipe econômica com autoridade técnica sobre o presidente, que lhe garantiu apoio político e institucional. Não é o que temos hoje.

Em resumo, Bolsonaro assumia que não entendia de economia, mas dava autonomia à sua equipe de alta competência.

Lula nunca entendeu de economia, mas desautoriza a equipe do ministro Fernando Haddad, que não pode ser comparado a Guedes.

[illegible]

O caso das "blusinhas" da Shein, acerca da taxação das importações de compras até US$ 50 que acabou sendo aprovada no Congresso Nacional depois de várias mudanças de posição de Lula, sempre oscilante entre o desespero de arrecadação de seu ministro da Fazenda e os desejos da Janja *influencer* das redes sociais, é muito mais significativo do que parece. É o desenho bem delineado da incúria governamental.

Sem boas influências externas ou quem o contenha internamente, como nos primeiros oito anos de mandato, o governo petista raiz é Dilma. Lula sempre foi Dilma. Lula hoje é só Dilma

Ainda pior, há sinais de autoritarismo em um Lula pretensamente imperial, o que agrava ainda mais a situação, porque estamos falando de um presidente desconectado do mundo em que vivemos e do Brasil em que estamos. O futuro se torna incerto. Sem noção de tempo e espaço, mas com o vício da verborragia inconsequente de falar de tudo sem entender tecnicamente de quase nada, cria ruído demais em declarações que vão contra tudo o que trouxe avanço ao Brasil nos últimos anos, contraria sua equipe econômica e é politicamente decadente a ponto de recorrer ao Supremo, um poder de não eleitos, quando perde no Parlamento. A união de Executivo e STF é um assombro institucional de insegurança jurídica como nunca antes visto.

No Lula 1, o que deu certo na economia veio do governo anterior e da decisão firme de Palocci. Na política, a maioria do apoio entre os parlamentares no Congresso veio do Mensalão, uma fonte de coação e poder baseada em corrupção. No Lula 2, o crescimento exponencial da China foi uma era de bonança internacional, com forte demanda por *commodities* brasileiras e sem conflitos geopolíticos importantes que o mundo demorará a ver novamente. O ponto é esse. Os modelos de sucesso que fizeram a fama da gestão do "amor" de Lula nos dois primeiros mandatos não são mais aplicáveis atualmente ou nunca foram provenientes de ideias originais e orgânicas do PT, do lulismo. Sem boas influências externas ou quem o contenha internamente, como nos primeiros oito anos de mandato, o governo petista raiz é Dilma. Lula sempre foi Dilma. Lula hoje é só Dilma.

Afinal, como explicar um governo que não apresentou planos concretos na campanha ou com planos que insistem no aumento do gasto público sem fim? Que fura o seu próprio arcabouço fiscal em menos de um ano? Que insiste na relativização da inflação e da responsabilidade fiscal? Ou da segurança jurídica do direito à propriedade, sobretudo rural, ao dar amparo político à violência das invasões do MST? Que afronta o Congresso ao querer desfazer privatizações, reformas, a autonomia do Banco Central e recorre ao tapetão do STF, como no caso da reoneração do PIS/Cofins? Como aceitar um governo que se opõe à nova economia do empreendedorismo tentando lhe impor o sindicalismo anacrônico e estacionado no século 20? São muitas as idiossincrasias.

Diante de tudo isso, muita gente está arrependida. A disparada do valor do dólar, exclusivamente por erros de política econômica do governo e falas irresponsáveis do presidente, desvaloriza o real brasileiro, um orgulho nacional que acaba de completar 30 anos e resultado de um dos planos econômicos mais bem-sucedidos da história da civilização. Junte a isso o atual negacionismo fiscal, que não só pressiona o câmbio como exponencia toda a insegurança em relação à economia brasileira, e o "amor" não correspondido acaba.

[illegible] Foto: Shutterstock

Arrependimento é um sentimento muito pessoal, um peso com o qual cada um terá de lidar no particular. Não entro nesse mérito. O que interessa ao país é que as fileiras da sensatez e da reação aos desmandos estão engrossando. E economia é feita de gente. Assim como não se ganha uma eleição sem voto, não existirá mudança sem apoio coletivo, plural, de muitas pessoas. E se toda essa gente tem sinalizado que recobrou a consciência, que saiu da fantasia do Lula 3, que está de volta na busca da recuperação do país, na preservação de seus valores sociais e conquistas econômicas, tanto melhor. Suas críticas e presença no debate público são muito bem-vindas e necessárias.

Só o debate livre nas ruas, no Congresso e sem as amarras arbitrárias inconstitucionais das Cortes superiores de Brasília nos salva do obscurantismo do medo, do arrependimento, da falta de esperança e da atual gestão temerária da economia nacional.

Por isso que a primeira luta a se embrenhar é a da defesa da democracia, a de verdade, a de todos.

Arrependimento é um sentimento muito pessoal, um peso com o qual cada um terá de lidar no particular. Foto: Shutterstock

[illegible] da Petrobras, no Rio de Janeiro · Foto: Fernando Frazão [illegible]

EDIÇÃO 224

A Petrossauro do PT

A estatal está repetindo os mesmos erros do passado. E os resultados não serão diferentes

CARLO CAUTI · 05 JUL 2024

ouça este conteudo

readme

1.0x

A Petróleos de Venezuela S.A (PDVSA) foi usada para fins eleitoreiros. A petrolífera mantém a gasolina mais barata do que a água e chegou a fornecer até geladeiras para a população. Essa decisão teve um duplo efeito nefasto: faliu a empresa e quebrou o país. Que hoje é o mais pobre da América do Sul.

Em vez de olhar para a experiência do vizinho como um alerta sobre erros que não deveriam ser imitados, o governo Lula parece ver no populismo bolivariano um exemplo a seguir. Utiliza a Petrobras para represar os preços dos combustíveis, investir em setores não rentáveis, lotear de apadrinhados políticos e financiar um orçamento público demagógico. Isso tem efeitos devastadores sobre o balanço da empresa e a economia brasileira.

SOCIALISMO O MUE
PDVSA
Exploración y Producción

Sob nova direção

No dia 15 de maio Lula escolheu Magda Chambriard como nova presidente da Petrobras, em substituição ao ex-presidente Jean Paul Prates. Prates foi demitido após repetidos atritos com o Planalto e com o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira.

Magda tomaria posse no dia 19 de junho. Menos de 24 horas antes, a Petrobras aprovou o pagamento de quase R$ 20 bilhões à União em uma transação tributária fechada com a Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional (PGFN).

O Conselho de Administração, nomeado quase exclusivamente pelo governo e por sindicatos, foi convocado de forma extraordinária para votar a operação. Aprovou por um placar de dez a um. Mesmo sem ter nenhum tipo de urgência ou decisão judicial contrária à estatal, sequer em primeira instância.

"Pareceu um presente bilionário da Petrobras para o governo", disse a **Oeste** o diretor de uma entidade do setor petrolífero que preferiu manter anonimato. "Houve um desconto de 65% no montante pedido pela Receita. Portanto, pode até parecer um bom negócio. Mas o calendário de aprovação foi péssimo. E — mais grave ainda — não está escrito em lugar nenhum que a Receita iria ganhar com certeza essa bolada toda. O julgamento poderia até favorecer a empresa."

O valor pago pela Petrobras é superior aos quase R$ 19 bilhões de gastos previstos pelo Executivo com a desoneração da folha de pagamento. Esse é um dos maiores impasses entre governo e Congresso, que agora poderá ser resolvido com mais facilidade graças à contribuição da petrolífera.

"Se o mercado estava procurando indícios de como seria a gestão de Chambriard, esse foi um sinal forte e claro", disse o executivo. "Vai fazer o que o governo quiser. Independentemente de quanto custar aos cofres da empresa. A nova diretoria é evidência disso. A FUP, o sindicato dos petroleiros, e o PT dominaram."

Perigoso alinhamento

Durante sua cerimônia de posse, a própria Magda Chambriard declarou estar "totalmente alinhada" com o governo Lula. Mesmo prometendo seguir uma "lógica empresarial" nos investimentos da Petrobras. Lógica essa que o mercado ainda tem dificuldade de entender.

Chambriard recebeu do Planalto diretrizes claras: voltar a investir na Refinaria Abreu e Lima, no Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj) e na fábrica de fertilizantes nitrogenados de Araucária (Ansa).

"São todos investimentos polêmicos, em setores onde a Petrobras já amargou prejuízo por vários anos ou onde já perdeu bilhões de reais", disse Evaristo Pinheiro, presidente da Refina Brasil, entidade que reúne as refinarias independentes.

A Abreu e Lima, iniciada em 2008, tinha que custar US$ 2 bilhões. Chegou aos US$ 20 bilhões e jamais foi concluída. O mesmo aconteceu com o Comperj, com mais de US$ 40 bilhões gastos além do orçamento inicial. Também inacabado. Por último, a fábrica de fertilizantes acumulou desde 2013 cerca de R$ 3,5 bilhões em prejuízos.

"A Petrobras está caminhando para um momento complicado. Algo que já vimos no passado", explica Pedro Rodrigues, sócio do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE). "Em vez de se concentrar em setores rentáveis e onde é líder mundial, como a exploração em águas profundas, a estatal parece querer repetir os mesmos erros cometidos uma década atrás. Insistindo em investimentos onde perde dinheiro. Os resultados serão inexoravelmente os mesmos."

Vai faltar petróleo no Brasil

O desperdício de recursos não é o maior problema no horizonte. Se a Petrobras e o governo não mudarem de rota, vai faltar petróleo no Brasil.

Os campos petrolíferos da bacia do pré-sal, que hoje representam mais de 90% da produção nacional, estão entrando em fase final de extração. Estudos do Instituto Brasileiro do Petróleo (IBP) mostram que nos próximos sete anos a quantidade de petróleo extraído dessas jazidas começará a diminuir consideravelmente, caindo pela metade em 2032.

O problema é que são necessários cerca de dez anos para que um campo petrolífero seja leiloado, explorado e sua extração entre em pleno regime.

“O governo Lula, por questões ideológicas, congelou os novos leilões”, afirma Pedro Rodrigues. “Antes eles ocorriam todos os anos. Mas há resistências também de órgãos públicos, independentemente do governo. Por exemplo, há 11 anos o Ibama nem sequer permite verificar se há petróleo na Margem Equatorial. Se continuar desse jeito, existe o risco de o Brasil voltar a ser importador de petróleo. Como foi nos anos 1970, quando fomos tomados de calças curtas pela crise petrolífera. E o milagre econômico acabou de vez.”

A estatal que sobrou

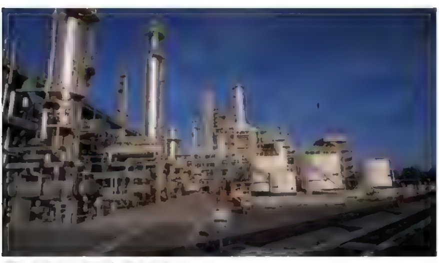
Após as privatizações realizadas durante os governos Temer e Bolsonaro, a Petrobras acabou se tornando a única grande empresa ainda sob controle estatal. Com um orçamento federal cada vez mais engessado com gastos obrigatórios e dissecado por bilhões de reais gastos com emendas parlamentares, sobram migalhas para investimentos. Por isso, o “executivo” Lula considera a Petrobras um instrumento necessário para retomar grandes obras. Indispensáveis para angariar consenso, especialmente em ano eleitoral. Além de serem inigualáveis cabides de empregos e epicentros de corrupção.

No seu plano de investimento plurianual, a Petrobras aumentou em 31% os investimentos previstos, chegando a US$ 102 bilhões até 2028. Boa parte desses recursos deverá ser utilizada para investimentos em refinarias, em plantas já existentes. Seria muito mais eficiente permitir o ingresso de empresas estrangeiras no mercado brasileiro de refino. Grupos que poderiam injetar bilhões de dólares na economia nacional, trazer competências novas, tecnologia, boas práticas e aumentar a concorrência, reduzindo preços e aumentando qualidade e quantidade dos produtos.

> **Há mais de 200 dias a Petrobras não reajusta o preço dos combustíveis no Brasil. Poderia parecer uma boa notícia, não fosse o fato de que as cotações internacionais do petróleo não ficaram paradas ao longo desse tempo todo**

Ao contrário, desde o mandato de Prates, a Petrobras tenta estrangular a maior refinaria privada do Brasil, a de Mataripe (BA), pertencente ao Mubadala, fundo soberano dos Emirados Árabes Unidos. Segundo fontes do setor, a estratégia é vender produtos refinados a um preço artificialmente baixo, provocar prejuízo para os concorrentes privados e, assim, forçar os árabes a ceder a planta.

Isso também atinge o orçamento da própria Petrobras. Mas, graças à sua dimensão mastodôntica e ao fato de que opera também em outros âmbitos, como extração e exportação de petróleo bruto, a estatal consegue amenizar melhor o passivo provocado por essa prática anticoncorrencial. As concorrentes, que atuam exclusivamente no refino, não.



Enquanto isso, o órgão que deveria garantir a concorrência no Brasil, o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), permanece em silêncio. O mesmo Cade engavetou de vez o acordo assinado com a Petrobras em 2019, que previa a cessão de 50% da capacidade de refino da estatal, vendendo as refinarias para empresas privadas. Algo impensável para o PT.

“A visão que o governo tem da companhia é uma visão do passado”, explica Pedro Rodrigues. “Velha. Ultrapassada. Coisa de anos 1940. O poder público já foi indutor de investimentos. E o petróleo já teve uma relevância maior na economia. Mas hoje as coisas são diferentes. Só que o Planalto não entendeu. Estão ainda na Era Getúlio Vargas.”

Populismo petrolífero

Há mais de 200 dias a Petrobras não reajusta o preço dos combustíveis no Brasil. Poderia parecer uma boa notícia, não fosse o fato de que as cotações internacionais do petróleo não ficaram paradas ao longo desse tempo todo. Com isso, os preços praticados no mercado brasileiro estão 20% defasados no caso da gasolina e 19% no caso do diesel. Um patamar muito parecido com o de julho de 2023.

“Essa defasagem elevadíssima dos preços está provocando um prejuízo para a Petrobras, para seus acionistas e uma distorção enorme no mercado”, disse Sergio Araujo, presidente-executivo da Associação Brasileira dos Importadores de Combustíveis (Abicom). “Atrapalhando também a transição energética, por exemplo, e pressionando a competitividade do etanol. É mais uma sinalização clara de como a estatal será guiada nos próximos meses, seguindo os interesses do governo, e não da empresa.”

O populismo petrolífero da Petrobras provocou mais de R$ 25 bilhões de rombo nas contas da estatal apenas nos últimos dois meses. Mas também está gerando sérios danos a refinarias privadas e importadores de combustíveis. Todos estão registrando vermelhos profundos. Existe o risco de uma série de falências nos próximos meses se a política de preços da estatal não mudar.

“Nada prospera à sombra da Petrobras”, disse uma fonte. “A empresa é tão grande que em qualquer setor que ela entra as privadas acabam perecendo. Ela entra, muda constantemente de estratégia, atua de forma antieconômica e acaba com a previsibilidade de um mercado que trabalha com margens muito apertadas. Não tem espaço para aventuras, ou quebra.”

Além disso, como ocorreu em julho de 2023, essa atuação da Petrobras está aumentando o risco de falta de combustível no mercado interno, principalmente nas regiões mais periféricas.

“Só não tivemos ainda desabastecimento porque entrou muito diesel russo no Brasil nos últimos meses”, salienta Sergio Araujo. “Mas o risco existe, especialmente por causa dessa incerteza jurídica provocada pela Petrobras.”

O mercado ainda não acordou

O mercado, todavia, parece ainda não ter acordado. As ações da Petrobras subiram mais de 10% desde meados de junho, voltando a superar os R$ 40. Um comportamento muito diferente do que aconteceu em 2014 e 2015, quando as mesmas escolhas equivocadas da Petrobras levaram a uma derrocada das ações. Na época, elas chegaram a cerca de R$ 6.

“Desta vez o cenário é diferente”, explica Pinheiro. “A Petrobras exporta quase 1,5 milhão de barris de petróleo por dia. Na época era uma fração desse volume. E essas exportações são em dólares. Já que a moeda americana subiu, a Petrobras consegue obter recursos para amenizar as perdas dos preços represados internamente”.

Todavia, as coisas podem mudar muito rapidamente. Basta os investidores perceberem que, além das escolhas de gestão equivocadas, a Petrobras está sendo saqueada de novo.

A volta da roubalheira

No dia 7 de junho, uma cena inusual surpreendeu muitos participantes do Fórum Esfera Brasil, em um hotel de luxo do Guarujá, no litoral de São Paulo. No palco, Alexandre Silveira, ministro de Minas e Energia, falava sobre o futuro da Petrobras. Na plateia, o ex-tesoureiro do PT, João Vaccari Neto.

Preso por quatro anos pela Operação Lava Jato, e ainda réu em pelo menos nove processos, Vaccari participou das escolhas de indicados a cargos relevantes da Petrobras. Não apenas dos diretores, como foi no passado, mas também dos gerentes executivos. Os 38 cargos que decidem sobre áreas-chave da estatal, como logística, refino ou exploração.

Gerente executivo é o cargo mais elevado que um técnico da Petrobras pode alcançar. Normalmente se chega a essa posição após três décadas na empresa, um robusto conhecimento e reputação ilibada. Na nova gestão, as nomeações para essas gerências se tornaram políticas.

“É algo muito preocupante”, diz uma fonte do setor. “Estão tirando gente técnica e colocando pessoas que não têm o mesmo preparo. É obvio que foram apontadas para fazer os interesses de quem as nomeou, e não da Petrobras. Muito menos dos acionistas.”

O risco de um novo Petrolão, contudo, é considerado remoto. “As leis são diferentes”, diz Rodrigues. “As regras internas da Petrobras estão mais aprimoradas. E a sociedade não tolera mais. Estão todos de olho, principalmente a imprensa. Vai ser difícil voltar a ocorrer algo da mesma magnitude que no passado. Entretanto, a ineficiência gerencial é pior do que a corrupção. Devasta mais a economia.”

Uma ineficiência que prejudica principalmente os acionistas minoritários da Petrobras. Mais de 700 mil brasileiros que entregaram para a estatal boa parte de suas economias. As vezes o FGTS inteiro. Acreditaram no futuro da empresa e em um retorno econômico adequado. Não se trata de vorazes capitalistas internacionais, mas muitas vezes de idosos que precisam desses recursos para complementar a aposentadoria.

O governo Lula parece não ver o tamanho do dano que uma gestão errática da Petrobras está provocando ao Brasil. Até o momento, está cego pela ideologia.

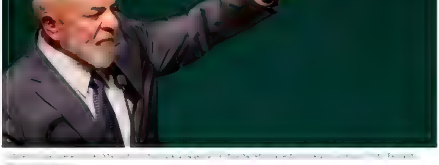


Ilustração: Montagem Revista Oeste/Shutterstock

EDIÇÃO 224

Um governo infrutífero

Este governo, simplesmente, acabou antes mesmo de começar; gorou, não vingou. São tantos os erros saltando à vista que nem a velha imprensa aliciada consegue mais esconder

UBIRATAN JORGE IORIO - 05 JUL 2024

ouça este conteúdo

readme

1.0x

"Porque, se a trombeta der sonido incerto,
quem se preparará para a batalha?"
(I Cor 14:8)

Decorridos exatos 18 meses desde que o "governo do amor" começou a atazanar a vida dos brasileiros, a impressão que se tem é a de que tudo na paisagem é assolação. Olha-se para cima, à frente, à direita e à esquerda; vira-se e espia-se para trás, piscam-se os olhos; e o que se vê é só devastação, escombros e destroços. É inútil procurar por alguma notícia boa, porque, simplesmente, não existem boas novas. Este governo, definitivamente, é infrutífero; é a própria figueira estéril. É inútil esperar que dê frutos. Sua mediocridade é tão impressionante que, às vezes, parece até proposital — e, segundo alguns, é mesmo um caso pensado de destruição. Prefiro, contudo, continuar acreditando que seja só incompetência.

Não se trata, absolutamente, de "torcer contra". É que a economia e as demais atividades no campo da ação humana, para funcionarem bem, exigem respeito a certos princípios insubstituíveis, e este governo é um desastre, porque desacata e ofende todos eles. Na base de todo o retumbante fracasso que se constata diariamente, temos uma combinação fulminante, com pelo menos três elementos: a) a ausência de uma coordenação mínima, que alguns chamariam de programa de governo; b) a concepçao inteiramente ultrapassada (até mesmo para os superados padrões "desenvolvimentistas") da função do Estado na economia e na própria vida das pessoas; e c) o desgaste do partido do governo e do próprio presidente, uma corrosão que vem desde os tempos da Lava Jato e que nenhuma operação conduzida por amigos, "amigos de amigos" ou por quem quer que seja conseguiu e vai conseguir apagar.

Luiz Inácio Lula da Silva, no Palácio do Planalto, em Brasília — Foto: Valter Campanato/Agência Brasil

Este governo, simplesmente, acabou antes mesmo de começar; gorou, não vingou. São tantos os erros saltando à vista que nem a velha imprensa aliciada consegue mais esconder. A coisa chegou a tal ponto que, quanto mais o jornalismo subserviente tenta, como sempre fez no passado, ocultar e negar fatos e apresentar narrativas para manipular as opiniões, mais fica visível o seu papel degradante e deprimente de porta-voz de um dos piores governos de toda a nossa história republicana — e não custa lembrar que, em termos de mediocridades, a República brasileira sempre foi pródiga. Aliás, alguns jornalistas já começam a reconhecer que não dá mais para continuar agindo como verdadeiros cães de guarda do governo e já ensaiam — embora visivelmente constrangidos e ainda com timidez — algumas críticas.

Não é necessário qualquer esforço para listar dezenas de "feitos" extraordinários do governo que veio para "salvar a nossa democracia" das garras da "ultradireita golpista", colhidos aleatoriamente do noticiário. Vamos citar alguns.

Para começar, pela oitava semana consecutiva, o *Boletim Focus* desta semana prevê alta da inflação de preços para este ano, ao mesmo tempo que mantém estável a expectativa para a Selic (em 10,5%) e projeta arrefecimento no crescimento do PIB para este ano e o próximo. O real, que está completando 30 anos, foi a moeda que mais se desvalorizou entre as moedas dos países emergentes em 2024, perdendo até mesmo para o peso argentino, que, sob a liderança de Milei, já mostra o que todos deveriam saber — que a boa teoria econômica funciona. O ministro da Fazenda, entretanto, atribui a disparada do dólar a simples "ruídos" na comunicação do governo.

Fernando Haddad, ministro da Fazenda — Foto: Fabio Rodrigues Pozzebom/Agência Brasil

Não à toa, de acordo com a consultoria especializada Henley & Partners, cerca de 800 cidadãos brasileiros com patrimônio de pelo menos US$ 1 milhão — o equivalente a 1% do total dos milionários existentes no país — vão deixar o Brasil neste ano, o que nos coloca como o sexto país do mundo em êxodo de milionários, atrás apenas da China, Reino Unido, Índia, Coreia do Sul e Rússia.

O governo tem sido também um verdadeiro campeão na liberação de emendas parlamentares, uma idiossincrasia típica de nossas instituições, mas que, nos tempos de Bolsonaro — não custa lembrar —, eram vistas como crime de lesa-pátria. Por sua vez, os gastos sigilosos com cartões corporativos vêm batendo todos os recordes e refletem um esbanjamento desavergonhado, sem qualquer cerimônia ou pudor, do dinheiro dos pagadores de impostos.

Ilustração: Shutterstock

E o que dizer do meio ambiente, esse fetiche do globalismo progressista? Pois então, o governo vem assistindo passivamente ao aumento descomunal nas queimadas, que no primeiro quadrimestre deste ano já cresceram 154% em relação ao mesmo período de 2023. O que vem acontecendo no Pantanal é um verdadeiro crime, mas os especialistas da imprensa amiga e do governo — a começar pela ministra especialista em regurgitar cachoeiras de palavras sem dizer coisa com coisa — teimam em pôr a culpa na natureza, um diagnóstico bastante estranho, tendo em vista que até 31 de dezembro de 2022 faziam um escarcéu contra o antigo governo sempre que alguém riscava um inocente fósforo na Amazônia para acender uma daquelas espirais para espantar mosquitos. Imaginem o barulho que teriam feito caso o governo anterior reduzisse a verba do Ibama para combate ao fogo. Pois o governo atual reduziu em 24%, com silêncio absoluto nas redações.

No que diz respeito às agressões aos direitos de propriedade, estamos assistindo a recordes em invasões de terras e em violência no campo, apesar das declarações do chefe do Executivo de que "há muito tempo" o MST não invade terras e de que é um grupo "altamente produtivo", emendando com a afirmativa pueril de que quem toma a terra dos agricultores não é o MST, mas os bancos. Ora, haja paciência, em outubro de 2023, com apenas dez meses de seu governo, o número de invasões já tinha superado o ocorrido durante todo o mandato de Bolsonaro.

Diante de tanta inoperância e incompetência, para que servem os quase 40 ministérios, a não ser para distribuir favores e gastar os recursos dos pagadores de impostos?

Outra patuscada inacreditável dessa gente é a decisão de importar arroz, comercializá-lo com rótulo do governo do amor e fixar o seu preço abaixo do preço do mercado. Para completar, a identificação de velhas irregularidades nos leilões, o que levou à sua anulação.

E, para encerrar, com relação ao trato com o chamado "dinheiro público", o mínimo que se pode atribuir ao governo atende pelo nome de irresponsabilidade: as necessidades de financiamento do setor público (ou déficit nominal) já bateram em R$ 1 trilhão em 2024, um número compatível com o verificado durante a pandemia, só que agora não há nenhuma pandemia. A dívida bruta como proporção do PIB já está na casa dos 76,8%, o maior nível em dois anos. Pode não parecer muito, mas, se levarmos em conta que o prazo médio de pagamento dos títulos do governo é bem menor do que nos países que apresentam percentuais mais elevados, esse é um problema sério a ser enfrentado. O déficit primário do setor público consolidado ascendeu a R$ 63,9 bilhões em maio deste ano, o maior saldo negativo para o mês desde 2020 e R$ 13,7 bilhões (27,4% a mais) acima do resultado de maio de 2023.

Ilustração: Shutterstock

Obviamente, não se escuta um pio dentro do governo no sentido de se adotar qualquer medida que venha a contribuir para o enxugamento do Estado. Pelo contrário, o que se vê são discursos no sentido contrário. O ministro da Fazenda só sabe falar em aumentar a arrecadação, em criar novos impostos, em tributar o que antes era isento e em pôr fim a desonerações fiscais. Todo o esforço que a equipe econômica anterior fez para descomplicar a vida dos brasileiros e abrir caminho para o empreendedorismo está sendo posto abaixo, para sustentar um modelo de Estado pesado demais, totalmente ultrapassado e absolutamente incompatível com as reais necessidades do país.

Diante de tanta inoperância e incompetência, parece perfeitamente cabível arguir: para que servem os quase 40 ministérios, a não ser para distribuir favores políticos e gastar os recursos dos pagadores de impostos?

Até aqui, fiquei no âmbito do Executivo e restrito ao plano da economia, mas acontece que uma sociedade não pode ser vista só com esse olho: é preciso enxergar os outros dois Poderes, a maneira como os três se relacionam e as instituições como um todo. Portanto, quando olhamos para o Brasil dos nossos dias, temos que levar em conta fatos que transcendem a economia, mas que a afetam negativamente. E o que encontramos?

Estamos vivendo há tempos um clima de insegurança jurídica inacreditável, em que o Poder Judiciário de mete sem qualquer constrangimento no Executivo e, principalmente, no Legislativo, com a alegação de que só faz isso porque é provocado, quando na verdade o que se vê é um ativismo jurídico totalmente inaceitável dentro de um verdadeiro Estado de Direito; a impressão que se tem é a de que existe uma Constituição especial a ser aplicada em cada caso e por cada um que deve guardá-la.

Em resumo, as instituições estão funcionando muito precariamente. É muito difícil compreender o som que a trombeta está emitindo, se é de ataque, defesa, retirada, rendição ou qualquer outra coisa. É óbvio que as atividades econômicas são as primeiras a serem afetadas por tamanha incerteza. Ora, assim como, se você estiver convencido de que vai chover, é prudente levar um guarda-chuva ao sair de casa, quando você percebe o tamanho das incertezas que esfumaçam o ar no Brasil, os riscos que a sua liberdade está enfrentando e a incompetência descomunal do governo em lidar com os princípios mais elementares da política econômica, não é preciso ser um bom economista para encolher-se e esperar passar o período de trevas. Esperar de uma figueira estéril que dê frutos, cá entre nós, é burrice.

Foto: Shutterstock

EDIÇÃO 224

Mais impostos sobre a carne e a cerveja

O governo também anunciou que vai cortar quase R$ 26 bilhões, especialmente em gastos sociais e previdenciários. E pagar R$ 30 bilhões em emendas parlamentares

CARLO CAUTI - 05 JUL 2024

ouça este conteúdo readme

1.0x

A reforma tributária do governo Lula trará uma novidade indigesta para os brasileiros: mais impostos sobre picanha e cerveja. Os dois produtos que se eternizaram como promessas petistas da campanha eleitoral de 2022 custarão mais caro.

O relatório sobre a reforma tributária escanteou a isenção sobre carnes bovinas, como a picanha, e indicou a cobrança parcial da alíquota de 26,5%. O próprio governo não teria feito resistência à nova imposição tributária.

No caso da cerveja, o imposto sobre as bebidas alcoólicas, o chamado Imposto Seletivo (IS) ou "imposto do pecado", vai aumentar.

***

Já mudou o discurso, presidente?

Lula está tentando evitar a derrota de imagem e planeja mudar o discurso.

Durante o lançamento do Plano Safra, ele defendeu que carnes "chiques, importadas" sejam tributadas. Enquanto carnes que fazem parte do "dia a dia" do povo não tenham imposto.

Lula citou o frango, coxão mole, músculo e acém. Mas nenhuma lembrança da picanha.

Carnes à venda em supermercado de São Paulo (28/6/2024) | Foto: Shutterstock

***

Deputados tentaram motim

No começo da semana, um grupo de deputados tentou uma articulação para apresentar um texto substitutivo da reforma tributária. Descontentes com a alta de impostos que aparece no horizonte, os mandatários incluíram no novo texto ainda mais isenções. Especialmente para o setor do agronegócio.

Havia número suficiente para aprovar o documento. Mas o presidente da Câmara, Arthur Lira, conseguiu controlar a investida.

Lira papa-léguas

Percebendo o perigo, Lira decidiu atropelar o calendário e regulamentar a reforma tributária em duas semanas. Uma pressa inexplicável, considerando que a reforma foi aprovada há quase um ano e que a transição só começa em 2026.

Mas o presidente da Câmara quer evitar novas tentativas de modificar o texto-base, além de considerar a aprovação da regulamentação como um troféu para coroar seus últimos meses na liderança do colegiado.

Arthur Lira, Presidente da Câmara dos Deputados, em plenário para discussão e votação de propostas (3/7/2024) | Foto: Mário Agra/Câmara dos Deputados

***

Faça alguma coisa, presidente!

A disparada do dólar está preocupando muita gente em Brasília. E o próprio Lula chegou a declarar que é preciso "fazer alguma coisa" para conter a alta da moeda americana.

A declaração preocupou ainda mais o mercado, e o dólar continuou subindo.

Foi necessária uma reunião de emergência no Palácio da Alvorada, na qual Lula foi aconselhado pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad, a fazer a única coisa realmente útil: ficar calado.

Além disso, o presidente foi convencido de que é necessário dar um sinal de respeito às contas públicas para evitar que o câmbio chegue a R$ 6. Lula acatou o conselho, e Haddad foi a público para anunciar cortes draconianos. O dólar caiu 2%.

***

Corte no social, gasto no político

O governo Lula anunciou que vai cortar quase R$ 26 bilhões, especialmente em gastos sociais e previdenciários.

Entretanto, o mesmo governo vai pagar R$ 30 bilhões em emendas parlamentares em apenas um semestre. O maior volume já registrado e recorde histórico em um período pré-eleitoral.

O valor inclui os recursos distribuídos sem critérios técnicos. Antes conhecidos como "orçamento secreto", agora são chamados de "emendas Pix".

EU VOTO EM NEGRA

Lula durante cerimônia de entrega de unidades habitacionais no Recife, em Pernambuco (2/7/2024) | Foto: Ricardo Stuckert/PR

***

Porto do Açu continua expansão

O Porto do Açu, no Rio de Janeiro, único porto privado do Brasil, continua sua expansão. Inaugura agora uma nova área de armazenagem de quase 13 mil m², com capacidade de estocagem de 70 mil toneladas.

Em apenas dez anos, o porto já se tornou o segundo maior do Brasil, atrás apenas de Santos. Mas em breve poderia se tornar o mais importante do país.

A batalha dos executivos que administram a infraestrutura é para realizar uma linha ferroviária que aumente ainda mais a capacidade de escoamento do local. Ligando os terminais diretamente com as regiões produtoras de grãos, como Goiás e Mato Grosso, e de minérios, como Minas Gerais e Pará.

***

Vale continua na mira

O presidente Lula não se esqueceu da Vale. Especialmente depois da negativa em nomear seu ex-ministro Guido Mantega para o comando da mineradora.

Em um evento no Recife, Lula disse que vai "chamar a Vale e exigir que ela pague os prejuízos que as pessoas tiveram" em Mariana e Brumadinho.

Segundo Lula, a "Vale está muito quietinha e sabe que tem de pagar". Mentira. A Vale já pagou R$ 37 bilhões em processos compensatórios. E no final de abril apresentou uma proposta de pagamento de R$ 127 bilhões para a União e os Estados de Minas Gerais e Espírito Santo.

A tragédia de Brumadinho, em Minas Gerais | Foto: Reprodução/Twitter

Fazer caixa e empregar amigos

O que o governo quer, na verdade, é fazer caixa com a Vale. Mesmo que a empresa tenha sido privatizada há quase 30 anos.

O PT nunca aceitou a venda da mineradora. Há poucos dias, Lula declarou que a Vale foi "rifada por 899 mil pequenos fundos" e não tem "um dono para conversar". Leia-se: ninguém para intimidar e obrigar a fazer o que o governo quer.

No dia seguinte à recusa do conselho da mineradora em nomear Guido Mantega como CEO, o Ministério dos Transportes enviou uma cobrança de R$ 25,7 bilhões, alegando supostas irregularidades num contrato de concessões de ferrovias renovadas antecipadamente no governo de Jair Bolsonaro.

Se não for pelo amor, será pela dor.

***

Setor automotivo a todo vapor

A produção de veículos no Brasil cresceu mais de 26% em junho na comparação com maio, e mais de 11% na comparação com o mesmo período do ano passado.

Segundo os dados da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), no primeiro semestre foram produzidos mais de 1 milhão de veículos, entre carros, comerciais leves, caminhões e ônibus. Alta de 0,5% na comparação com os seis primeiros meses de 2023.

As vendas também cresceram cerca de 14% na comparação semestral, chegando a quase 1 milhão de unidades.

Veículos elétricos e híbridos expostos no evento Anfavea: Conduzindo o Futuro da Eletrificação no Brasil, em Brasília (14/6/2023) | Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

***

A nova Bolsa do Rio de Janeiro

O Rio de Janeiro terá novamente uma Bolsa de Valores.

O Americas Trading Group (ATG) vai investir para criar uma nova central de transações de produtos financeiros na Cidade Maravilhosa. O início das operações está previsto para o segundo semestre de 2025.

O Rio de Janeiro teve a primeira Bolsa de Valores do Brasil, até 1989, quando o *crash* provocado pelas especulações do investidor Naji Nahas acabou com a instituição.

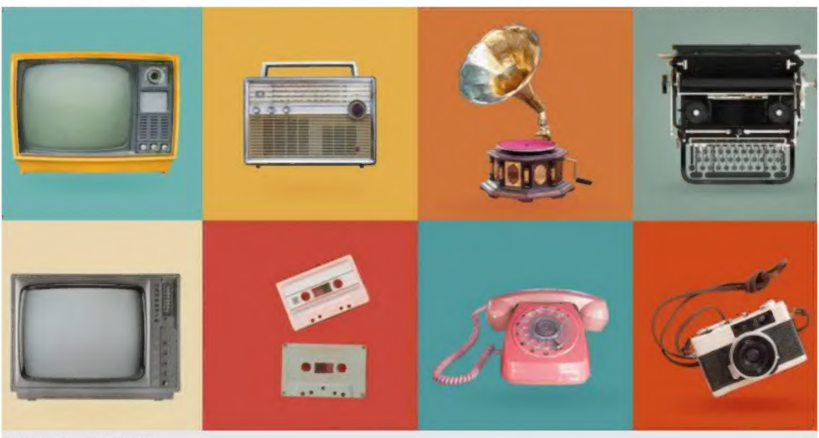


Foto: Montagem Revista Oeste/Shutterstock

EDIÇÃO 224

Do telefone de discar ao WhatsApp

Uma viagem pelo tempo com nossa tecnologia pessoal

DAGOMIR MARQUEZI - 05 JUL 2024

ouça este conteúdo

readme

1.0x

Nesses 25 anos cobrindo a área de tecnologia, percebi um fenômeno. Cada novidade (que geralmente saúdo feliz e entusiasmado) gera uma onda imediata de reclamações e temores em muita gente. Agora mesmo, vemos a inteligência artificial sendo recebida com temores que vão do “vai me tirar o emprego” ao radical “vai acabar com a humanidade”.

Algumas pessoas curtem a evolução cada vez mais radical da tecnologia pessoal, outras se assustam com ela. E geralmente procuram consolo numa onda de nostalgia. “Bom mesmo é disco de vinil”; “Eu jamais abandonarei os livros de papel”; “Antigamente as pessoas conversavam, não ficavam olhando para as telinhas”; e assim por diante.

Se a tecnologia pessoal anda tão prejudicial e assustadora, vamos entrar numa máquina (analógica) e voltar no tempo. Vamos conferir quanto a gente era feliz naquela época de rádio AM e telefone de discar. Bons tempos aqueles...

2014

Surge (em 2011) um serviço chamado Netflix que leva filmes até sua casa via internet. Ou seja: vai acabar a alegria de comer pipoca na fila do cinema. Vai acabar também a diversão de escolher DVDs na locadora e pagar uma taxa por cada um deles para ter o direito de assistir a um filme por dois ou três dias. Que pena.

Netflix | Foto: Reprodução/Pixabay

Querem acabar também com a diversão de ficar na rua esticando o braço para pegar um táxi (para ir à locadora, por exemplo). Desde 2011 existe um serviço chamado Uber, onde você chama um motorista pelo celular, sabe o carro que vai pegar e quanto custará a corrida.

Aliás preciso pegar um táxi para entregar um dinheiro que estou devendo a uma prima. Poderia passar por TED ou DOC, mas é noite e o banco está fechado. Vou pedir para o motorista do táxi parar em algum caixa eletrônico no meio da noite para tirar o dinheiro. Daqui a seis anos vai existir um modo de transferência por celular chamado Pix. Mas ele vai ser muito perigoso e arriscado.

Quando voltar para casa vou conversar com um amigo que mora na Austrália através de um programa chamado Skype. A gente consegue ver a pessoa, além de falar! E a taxa por segundo é bem baratinha.

Depois da conversa, vou ouvir minha fabulosa coleção de CDs. Existe um serviço novo chamado Spotify que transmite música pela internet. Mas eu prefiro o som do CD e do vinil. Hoje mesmo comprei um CD duplo importado. Paguei uma nota e gostei só de duas músicas. Mas não quero ficar ouvindo disco pela internet. Quero meu CD prateadinho, com a caixinha em ordem alfabética na minha estante.

2004

A internet já atinge 6,3 milhões de domicílios no Brasil. É o equivalente a 12,2% das residências. Ou seja, quase 90% dos brasileiros não têm acesso à rede ainda. O que me faz pensar: será que essa história de internet vai pegar mesmo?

E quem precisa de internet? Neste ano foi inventado em Singapura um tipo de memória chamado *pendrive* com a incrível capacidade de 8 megabytes! Se eu quiser mandar arquivos para alguém, transfiro através desses chips pequenininhos espetados no USB. Não confio na rede.

Coleção de pendrives | Foto: Reprodução/PickPik

Neste glorioso ano de 2004 ainda não há YouTube (lançado em 2005), nem Google Maps (2005), nem Twitter (2006), nem iPhone (2007). Infelizmente, a Kodak avisou que não terá mais serviço de revelação de fotos. Que absurdo! Eles querem substituir a nobre arte da revelação por vulgares fotos digitais. Quem vai corrigir os defeitos das fotos, quem vai fazer os necessários acertos de cores e iluminação?

E uma das maiores novidades é a chegada dos serviços de TV por assinatura ao Brasil. Em vez dos nossos tradicionais cinco ou seis canais, são dezenas de possibilidades. Essa gente quer acabar com o momento de comunhão dos brasileiros, quando (quase) todos nós assistimos ao *Jornal Nacional* e em seguida à sagrada novela das 8. Vamos escapar desse terrível golpe e voltar a...

1994

Se você tiver internet e quiser procurar alguma coisa, tome cuidado de antes anotar — a caneta, no papel — o endereço certinho. http://blablabla.algumacoisa.naredepontocompontobr etc. Não existe um mecanismo confiável para achar os sites. Ainda faltam quatro anos para surgir o Google.

Quer comprar umas novidades? Um videocassete “de quatro cabeças” vale R$ 499 na nova moeda brasileira. Uma TV de 28 polegadas em cores, som estéreo, VHS/UHF PAL-M NTSC sai por R$ 1.090. E foi anunciada uma incrível novidade para o telefone. Uma empresa carioca anuncia um “revolucionário aparelho que identifica no *display* o número chamador antes do atendimento da ligação, evitando que intrusos quebrem sua privacidade”.

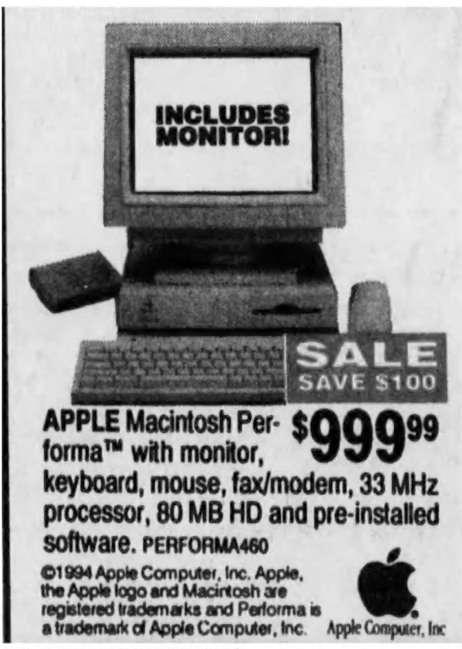
BASF
Remix
TDK

Fitas de videocassete coloridas | Foto: Reprodução/Pixabay

Fora do Brasil, você pode comprar um *pager* alfanumérico de US$ 200 para se comunicar por escrito com outras pessoas. Ele permite escrever 80 caracteres e ainda vibra quando recebe uma mensagem. Por US$ 580 você compra um fax com secretária eletrônica. Tem capacidade para 200 folhas de papel. Quem precisa de WhatsApp?

1984

O grande objeto de desejo é o Apple Macintosh. Imagine que na tela existem ícones relativos a cada programa. E para abrir os programas foi inventado um aparelhinho chamado *mouse*.


INCLUDES MONITOR!

SALE
SAVE $100

APPLE Macintosh Performa™ with monitor, keyboard, mouse, fax/modem, 33 MHz processor, 80 MB HD and pre-installed software. PERFORMA460

$999.99

©1994 Apple Computer, Inc. Apple, the Apple logo and Macintosh are registered trademarks and Performa is a trademark of Apple Computer, Inc.

Apple Computer, Inc

Propaganda do computador Apple Macintosh (1994) | Foto: Reprodução

Mas computadores como o Apple e o Commodore (com memória de 64 kbytes!) são objetos de luxo. Nós trabalhamos em máquinas de escrever, felizmente já elétricas. Mais progresso: telefones de teclas com memória. E muitos funcionam sem fio.

Agora você pode gravar suas músicas favoritas numa fita cassete e sair ouvindo num *walkman*. É o máximo

---

O filme *Wall Street* tem uma cena de impacto quando o vilão Gordon Gekko (Michael Douglas) caminha numa praia deserta usando um "tijolão" Morotola DynaTAC 8000X. É a primeira aparição de um celular numa cena de cinema. Para a plateia, é um sonho distante.

Daddy fought in the war.

The Motorola MicroTAC Ultra Lite™ comes from a long line of heroes. Like the original SCR 536 hand-held wireless radio, which cut our boys loose from the wires of war. Lives depended on us then. Busy lives depend on us now. Motorola. The best-selling, most-preferred cellular phones in the world.

MOTOROLA

Propaganda do celular Motorola MacroTAC Ultra Lite (1994) | Foto: Reprodução

Agora você pode gravar suas músicas favoritas numa fita cassete e sair ouvindo num *walkman*. É o máximo. Estudantes, comerciantes e cientistas batalham por calculadoras Casio e Texas. Já é muito progresso, não? Podemos parar por aqui?

1974

Todo brasileiro almeja um conjunto Gradiente com toca-discos Garrard 6300 (com três velocidades), caixas acústicas com 45w de potência, e receptor AM/FM. É o máximo!

Uma versão primitiva de *e-book* foi lançada pelo Projeto Gutemberg. Agora é possível ler livros sem papel. Mas, se você quiser trocar a leitura por um emocionante videogame, pode se divertir com o empolgante *Pong*, da Atari.

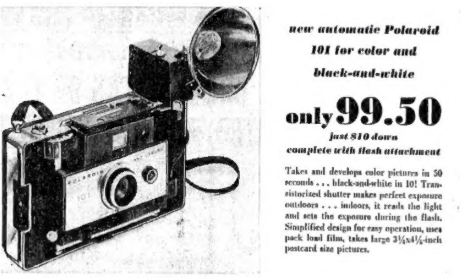
1964

Os rádios não estão mais presos à tomada. Ficaram pequenininhos, *made in Japan*, e funcionam com transistores. Todo mundo tem um radinho. No estádio de futebol, cada torcedor tem um grudado na orelha.

Por outro lado, ninguém pode ter um computador. São caríssimos. Só grandes empresas e organismos oficiais podem contar com os majestosos *mainframes* IBM. A comunicação à distância também está limitada a profissionais, através do telex e do fax. Com o telex o usuário pode escrever o texto que deseja transmitir numa fita toda furadinha. Supermoderno!

Os discos agora são de vinil. E possuem DOIS canais de som! O esquerdo e o direito. O mundo está enfim preparado para o som psicodélico de um conjunto de cabeludos chamado Beatles (já ouviu falar?).

A câmera Polaroid promete revelação imediata das fotos. Na verdade, em dez segundos para fotos em preto e branco (ou 50 segundos para fotos em cores). A TV no centro da sala continua P&B, com cinco canais. E o esforço para escolher entre todas essas opções?


POLAROID
101

new automatic Polaroid 101 for color and black-and-white

only 99.50

just $10 down
complete with flash attachment

Takes and develops color pictures in 50 seconds . . . black-and-white in 10! Transistorized shutter makes perfect exposure outdoors . . . indoors, it reads the light and sets the exposure during the flash. Simplified design for easy operation, uses pack load film, takes large 3¼x4¼-inch postcard size pictures.

Propaganda da câmera Polaroid (1964) | Foto: Reprodução

1954

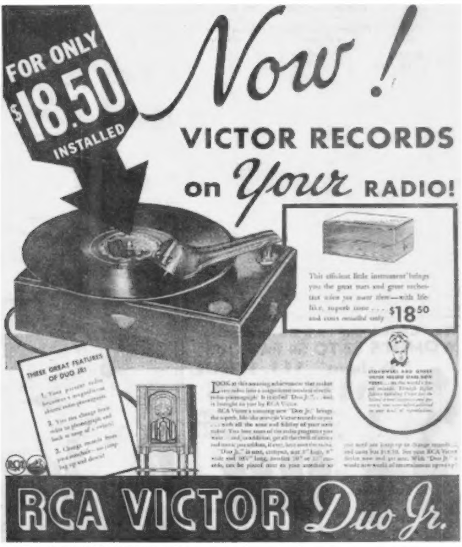
Máquinas de escrever, só mecânicas. De vez em quando é preciso trocar a fita de tinta, e nossas mãos ficam imundas. Os rádios a válvula, dependentes de tomadas, ainda são o centro da casa. Receptores de TV são muito raros, só para quem pode.

Máquina de escrever Burroughs (1954) | Foto: Reprodução

Os telefones agora possibilitam falar diretamente com a outra pessoa. É incrível, mas não precisamos mais pedir a ligação a uma telefonista.

1944

A RCA Victor lança um aparelho conjunto que toca discos 78 e tem um rádio no mesmo móvel. Não existe disco de vinil. Nem LP. Só os chamados discos 78 rotações, que tocam música e chiados na mesma proporção. Uma música só de cada lado. E, cuidado, eles podem se quebrar com qualquer movimento brusco. Não se esqueça de trocar regularmente as agulhas.

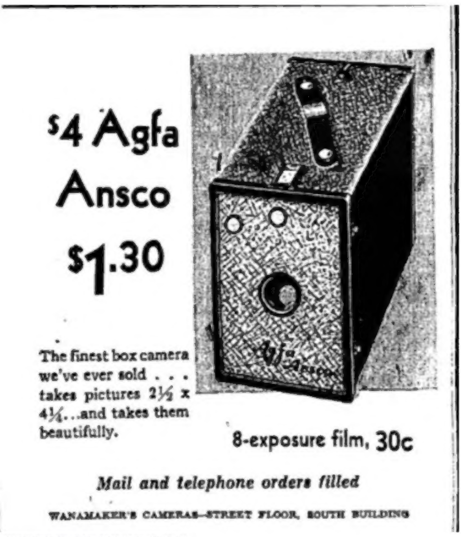

FOR ONLY
$18.50
INSTALLED
Now!
VICTOR RECORDS
on Your RADIO!
$18.50
THREE GREAT FEATURES OF DUO JR.
RCA VICTOR Duo Jr.

Propaganda da vitrola RCA (1944) | Foto: Reprodução

Comunicação à distância? Escreva uma carta. Ou, se for urgente, mande um telegrama. O telex e o fax já foram inventados, mas permanecem limitados às grandes empresas. E especialmente aos militares: essas maravilhas da comunicação imediata fazem parte do esforço final para vencer a Segunda Guerra.

1934

Quer ligar para alguém? Peça à telefonista e espere na fila vagar uma linha. Quer se divertir? Saia, vá a um baile, a um bar ou ao teatro. Em seu passeio, você pode tirar fotos em preto e branco com a câmera Agfa estilo "caixão". O filme tem oito poses! Em casa você só tem o rádio e os livros.


$4 Agfa
Ansco
$1.30
The finest box camera we've ever sold . . . takes pictures 2½ x 4¼. . .and takes them beautifully.
8-exposure film, 30c
Mail and telephone orders filled
WANAMAKER'S CAMERAS—STREET FLOOR, SOUTH BUILDING
Agfa Ansco

Propaganda da câmera Agfa (1934) | Foto: Reprodução

1924

Deixe o rádio ligado e escreva com caneta e papel. Cansou de escrever, vá ler alguma coisa. Troque de estação, coloque numa música suave. Apague a luz e tire um cochilo no sofá. No escuro, sonhe com o futuro.

KERC
NO PASARAN
ATON · RELO
KORE · NAKIR
01.07.2024
23:45

Os *rappers* Uzi, Zola, RK, Zed, Seth Gecko e Kerchak criam música *No Pasaran*, em ação contra o partido francês Rassemblement National (RN) | Foto: Montagem Revista Oeste/Divulgação

EDIÇÃO 224

O rap do fascismo

Campanha contra a direita nas eleições francesas apela para *rappers* mal-encarados

THEODORE DALRYMPLE · 05 JUL 2024

ouça este conteúdo
readme
1.0x

Quando escrevi em um jornal belga, de forma bem-humorada, que o rock era a causa do crime, fiquei surpreso com a veemência da reação. Já escrevi muitos artigos que imaginei que pudessem incomodar mais as pessoas, mas dessa vez foi como se eu tivesse dito em uma mesquita que não considerava Maomé um bom modelo para a humanidade. Toquei em um ponto sensível ou cutuquei um vespeiro; foi um ataque a uma crença religiosa. Centenas de jovens escreveram em sinal de protesto, e foi assim que descobri com o que a juventude da época realmente se importava.

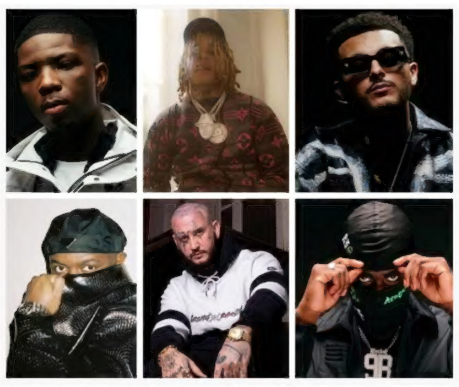
Isso já faz quase um quarto de século. Aqueles indignados devem estar na meia-idade, os homens provavelmente com entradas de calvície e barriga saliente, as mulheres com filhos pequenos, sem dúvida como imaginavam que nunca aconteceria. A juventude, que se julga eterna, é passageira.

J-7 ET LA FRANCE REVIENT !
PARIS, DIMANCHE 2 JUIN 2024

Marine Le Pen, presidente do grupo parlamentar do partido francês Rassemblement National | Foto: Reuters/Christian Hartmann

Nesta semana, no jornal francês *Libération*, li um artigo interessante na esteira do primeiro turno das eleições para a nova Assembleia Nacional Francesa, convocadas de maneira impulsiva pelo presidente Emmanuel Macron. O Rassemblement National, o chamado partido de extrema direita, obteve o que muitos chamaram de uma "vitória esmagadora" — embora seja importante lembrar que apenas 66% dos eleitores compareceram para votar, e deles apenas um pouco mais que um terço votou no RN, ou seja, cerca de 22% dos eleitores. Foi mais do que qualquer outro partido pesquisado, mas, ainda assim, não me parece ser um entusiasmo irresistível.

A Frente Popular, uma união por conveniência entre esquerdistas variados que vão de antissemitas a ambientalistas defensores dos lobos, recebeu 29,5% dos votos e, mais uma vez, não me pareceu muito diferente da votação do RN, embora aqueles que acompanham as eleições mais de perto digam que sim. A principal diferença é que a FP é uma coalizão muito instável, pronta para se desfazer ao menor sinal, enquanto o RN é um partido único e bem organizado. Do ponto de vista econômico, as duas alas são muito semelhantes: ambas protecionistas e perdulárias.



Os rappers Uzi, Zola, RK, Zed, Seth Gecko e Kerchak | Foto: Divulgação

Cruéis, cheios de ódio e estúpidos

Mas voltando ao artigo no *Libération*. Não surpreende que o jornal, que começou na extrema esquerda sob a editoria de Jean-Paul Sartre, mas se tornou um pouco mais moderado desde que a família Rothschild comprou uma grande participação na empresa, tente tirar a poeira de suas credenciais esquerdistas fingindo acreditar que o fascismo total está batendo na porta da França. (Os únicos fascistas de fato que restam na França são os arquitetos que lecionam nas escolas de arquitetura, que ainda cultuam Le Corbusier, um fascista no verdadeiro sentido da palavra.)

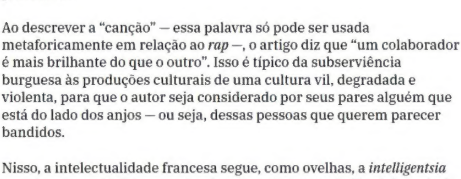
As seis fotos, todas de homens, eram suficientes para dar arrepios. Todos pareciam agressivos, insolentes e ameaçadores

O artigo a que me refiro trazia a manchete "Rap francês diz 'No Pasarán' ao RN". Trata-se de uma referência óbvia a Dolores Ibárruri, ou La Pasionaria, a comunista stalinista espanhola que certa vez disse que era melhor cem pessoas inocentes serem executadas do que uma pessoa culpada de trotskismo ser solta. E, pensando bem, considerando a história do que aconteceu depois que a frase foi dita, a escolha de *No Pasarán* como *slogan* foi infeliz porque, bem, eles passaram.

Mas o mais interessante do artigo foi a completa ausência de autopercepção demonstrada. Ele descreve como vários "artistas" de *rap* francês se reuniram para gravar uma "canção" denunciando a ameaça do RN.

O artigo traz fotos de seis deles: Uzi, Zola, RK, Zed, Seth Gecko e Kerchak, pseudônimos que não fazem alusão, de modo geral, ao amor ou à paz. As seis fotos, todas de homens, eram suficientes para dar arrepios. Todos pareciam agressivos, insolentes e ameaçadores. Um deles, presumivelmente de origem norte-africana, tinha o tipo de tatuagem que os criminosos adoram, não apenas nas mãos, mas no rosto e no crânio raspado. Eram todos jovens que você atravessaria a rua para evitar.

Claro, as pessoas podem dizer que estou julgando pela aparência, mas a aparência e as expressões faciais que as pessoas adotam são importantes para um animal social como o ser humano. Dois dos *rappers*, vestidos com roupas pretas brilhantes, estavam praticamente mascarados, tão mascarados quanto as mulheres na Arábia Saudita. Mas essa não era uma máscara imposta, era uma máscara escolhida, a máscara de ladrões de banco e assaltantes de rua. Na verdade, todos se dariam muito bem como delinquentes fascistas; seja como forem na vida privada, se é que ela existe, eles parecem cruéis, cheios de ódio e estúpidos.



Libération

Mobilisation

Avec la chanson «No Pasaran», le rap français s'engage contre le RN

Article réservé aux abonnés

Elections législatives 2024 dossier

Dans la filiation de «11'30 contre les lois racistes» sorti en 1997, la fine fleur du rap français, menée par le producteur Kore, sort un morceau collectif ce lundi 1er juillet pour dénoncer la menace de l'extrême droite, avant le second tour des législatives.

Notícia publicada no jornal francês *Libération*: "Com a música 'No Pasaran', *rap* francês entra em ação contra o RN" (1º/7/2024) | Foto: Reprodução/Libération

As maiores mentes da América

O que me surpreende é que o jornal não tenha percebido nada disso, embora fosse evidente à primeira vista. Não seria preciso examinar as fotos por muito tempo para notar, a conclusão quase não precisa de um ato de apreciação. Essas fotos foram a melhor propaganda que o RN poderia ter.

Ao descrever a "canção" — essa palavra só pode ser usada metaforicamente em relação ao *rap* —, o artigo diz que "um colaborador é mais brilhante do que o outro". Isso é típico da subserviência burguesa às produções culturais de uma cultura vil, degradada e violenta, para que o autor seja considerado por seus pares alguém que está do lado dos anjos — ou seja, dessas pessoas que querem parecer bandidos.

Nisso, a intelectualidade francesa segue, como ovelhas, a *intelligentsia* americana que idolatra estrelas do *rap*, embora o trabalho deles seja de uma infâmia que dificilmente pode ser exagerada. Há pouco tempo, li um artigo em uma publicação americana sobre algumas das maiores mentes dos Estados Unidos que tinham se reunido para uma conferência: as maiores mentes da América sendo as de *rappers* variados. Esqueça os ganhadores do Prêmio Nobel em medicina, química, física ou até mesmo (Deus nos ajude) em economia. Não, as maiores mentes eram de "artistas" do *rap*, dos quais uma parcela incomum — não acho que seja coincidência — acaba sendo morta a tiros; uma parcela atipicamente alta, mesmo para os padrões das piores cidades americanas nesse aspecto.

Entre *rap* e fascismo, a escolha é difícil e, na verdade, sob a superfície, os dois são muito semelhantes em termos de sensibilidade.

***Theodore Dalrymple** é pseudônimo do psiquiatra britânico Anthony Daniels. É autor de mais de 30 livros sobre os mais diversos temas. Entre seus clássicos (publicados no Brasil pela editora É Realizações) estão* A Vida na Sarjeta, Nossa Cultura… Ou o que Restou Dela *e* A Faca Entrou. *É um nome de destaque global do pensamento conservador contemporâneo. Colabora com frequência para reconhecidos veículos de imprensa, como* The New Criterion, The Spectator *e* City Journal.

PAPO com
COBERTURA
RIO GRANDE DO SUL
TAUANY CATTAN
REPÓRTER

A jornalista Tauany Cattan foi a convidada do programa **Papo com Ela**

EDIÇÃO 224

'Entrei ao vivo com a escolta de um civil armado ao meu lado'

Tauany Cattan, jornalista e repórter, foi a entrevistada do programa **Papo com Ela**

REDAÇÃO OESTE - 05 JUL 2024

ouça este conteúdo readme

1.0x

Jornalista da Revista **Oeste**, Tauany Cattan participou da cobertura das enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul em junho deste ano. Nas duas viagens que fez para o Estado, cobriu não só a tragédia, mas as marcas deixadas pelas inundações um mês depois de as águas baixarem.

Durante essa experiência, passou frio, ficou com lama até os joelhos, pegou carona com desconhecidos e dormiu em locais improvisados. Tauany também destacou os momentos de emoção que viveu ao se solidarizar com aqueles que perderam familiares, animais, casas ou locais de trabalho.

A jornalista descreveu, ainda, outro lado que permeou a tragédia: episódios de abusos em abrigos, roubos a residências e civis armados tentando se defender sozinhos. Um deles deu cobertura à repórter numa área de risco durante uma de suas entradas ao vivo num dos programas do canal da Revista **Oeste** no YouTube.

PAPO com
COBERTURA
RIO GRANDE DO SUL
TAUANY CATTAN
REPÓRTER

---

*Apresentado por **Adriana Reid**, o programa de entrevistas **Papo com Ela** vai ao ar todas as terças-feiras, às 20h30, nos canais da Revista Oeste e Umbrella Mídia, no YouTube.*